

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

LUCAS CUNHA NUNES

**ERA DOMINGOS UM DOMINICANO?  
A construção do discurso hagiográfico e a Ordem dos Pregadores (1235-1298)**

Porto Alegre

2015

LUCAS CUNHA NUNES

**ERA DOMINGOS UM DOMINICANO?**

**A construção do discurso hagiográfico e a Ordem dos Pregadores (1235-1298)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Igor Salomão Teixeira

Porto Alegre

2015

## CIP - Catalogação na Publicação

Nunes, Lucas Cunha  
Era Domingos um Dominicano? A construção do  
discurso hagiográfico e a Ordem dos Pregadores (1235-  
1298) / Lucas Cunha Nunes. -- 2015.  
48 f.

Orientador: Igor Salomão Teixeira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em  
História, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Domingos de Gusmão. 2. Hagiografia. 3. Ordem  
dos Pregadores. 4. Estudos. 5. Pregação. I. Salomão  
Teixeira, Igor, orient. II. Título.

LUCAS CUNHA NUNES

**ERA DOMINGOS UM DOMINICANO?**

**A construção do discurso hagiográfico e a Ordem dos Pregadores (1235-1298)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em História.

---

Prof. Dr. Igor Salomão Teixeira – Orientador

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carolina Coelho Fortes - UFF

---

Prof. Dr. José Rivair Macedo - UFRGS

Porto Alegre

2015

*Dedico este trabalho para meus queridos avós:  
Ivaná, Zeca, Sílvia, Xico, Ana e, especialmente, Lauro (in memoriam).*

## Agradecimentos

Primeiramente é preciso agradecer aos meus pais, Andréa e Marcelo. Meus agradecimentos a eles vão muito além da simples gratidão por terem me dado condições materiais de vida para chegar aonde cheguei, e por terem me ensinado e me guiado a ser quem eu sou. Meus agradecimentos são, acima de tudo, por terem sido sempre meus melhores exemplos como pessoa, independente de qualidades e defeitos. Tomara que meus filhos tenham a mesma sorte que eu tive. Quando eu crescer, quero ser igualzinho a eles!

Agradeço às minhas duas irmãs, Laura e Rafaela. À Laura por infernizar minha vida, por me fazer de motorista, por brigar comigo dia sim, dia também, por fazer tudo àquilo que afinal se espera de uma irmã gêmea que no fundo, bem no fundo, faz isso tudo por amor. À Rafaela, minha princesinha, agradeço pela oportunidade de aprender o significado do que é ser irmão mais velho. O amor e o carinho que tenho por elas são eternos.

Aos meus tios Adriano, Lico e ao Paulo, agradeço pelo carinho, pelas conversas, pelos ensinamentos, mas principalmente por me ensinarem a amar aprender. Se hoje estou aqui, devo muito a eles.

Agradeço aos meus primos Guilherme e Ítalo, aos meus amigos Gabriel e Kelvin, aos “Lokos da Tenda”, à Juliana, e aos colegas de Kanzi F.C pela amizade, parceria, “zueiras” e histórias. Também por aguentarem minhas chatices e minhas ausências. Mesmo que de longe, essas amizades são minha base.

Agradeço em especial à Roberta, amiga que a História me deu de presente e que acompanhou de perto toda a caminhada ao longo do curso. Devo muito a ela pela amizade incondicional, pelo apoio e pelo carinho.

Agradeço aos meus queridos professores Fabiana Ioris, Arthur Ávila, Fábio Kuhn, José Rivair Macedo, Nilton Pereira, Enrique Padrós e Céli Pinto, não apenas pelos ensinamentos, mas pelo exemplo como professores.

Ao meu orientador, Igor, deixo aqui meu enorme agradecimento. Pelos ensinamentos, por me acolher em seu projeto, por confiar em mim, pela compreensão e pela paciência. Que essa parceria e amizade durem e continuem dando frutos, pois a caminhada é longa!

Aos Rangers e ao Rafael, colegas de trabalhos, estudos e vivências. Amigos que a Idade Média me deu e que guardo com enorme carinho.

Por fim, e não menos importante, agradeço do fundo do meu coração à Lílian, pelo apoio, pela compreensão, pelo carinho, pela amizade, pelo amor e pelo privilégio de dividir meus momentos com ela. Esse trabalho também é para ela!

## Resumo

Este trabalho está embasado na seguinte pergunta: Era Domingos um Dominicano? Para tentar responder essa questão analisamos três hagiografias do século XIII escritas sobre o fundador da Ordem dos Pregadores, a saber, a *Leyenda de Santo Domingo*, escrita por Pedro Ferrão entre 1235 e 1239; a também intitulada *Leyenda de Santo Domingo*, escrita por Constantino de Orvieto entre 1246 e 1247, e o capítulo sobre São Domingos na *Legenda Áurea*, de Jacopo de Varazze, e que tem sua data de início de escrita estimada no início da década de 1260. Consideramos que essas hagiografias foram escritas num contexto de afirmação da identidade institucional dos dominicanos. A principal referência para este argumento é a tese de Carolina Coelho Fortes, que defende que essa identidade estaria relacionada com os estudos. Buscamos entender, como categorias de análise, os estudos e a pregação para analisar a relação entre a escrita dessas obras e a busca da Ordem dos Pregadores por perpetuar um modelo de “ser dominicano” aos seus frades. A hipótese do trabalho consiste em investigar se esse modelo estaria relacionado com a representação hagiográfica e os exemplos de Domingos de Gusmão. Concluímos que Domingos, *a priori*, não era um dominicano, mas sua representação hagiográfica sim.

**Palavras Chave:** Domingos de Gusmão; Hagiografia; Ordem dos Pregadores; Estudos; Pregação.

## Sumário

<b>Introdução</b>	p. 09
<b>1. A mendicância e a Ordem dos Pregadores na historiografia</b>	p. 14
1.1. As Ordens Mendicantes: a mendicância no século XIII	p. 15
1.1.1. A mendicância entre os dominicanos	p. 18
1.2. Princípio de uma identidade Dominicana	p. 21
1.2.1. Pregadores ou Estudiosos?	p. 23
<b>2. Domingos de Gusmão, o “ser dominicano” e as hagiografias</b>	p.26
2.1. As Hagiografias	p.26
2.2. Discurso Hagiográfico: a construção do exemplo	p.29
2.2.1. A Narrativa e a Retórica Hagiográfica	p.30
2.3. Hagiografias dominicanas: Domingos e o “ser dominicano”	p.33
<b>3. Análise comparada: os estudos e a pregação nas hagiografias sobre Domingos de Gusmão</b>	p.36
3.1. Os Estudos	p.38
3.2. A Pregação	p.41
<b>Conclusão – Era Domingos um Dominicano?</b>	p.45
<b>Referências Bibliográficas</b>	p.47

## INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a discutir as relações entre o processo de consolidação de uma identidade institucional da Ordem dos Pregadores (ou dos Dominicanos) entre 1235-1298, e as formas como esse processo se configurou na escrita hagiográfica sobre Domingos de Gusmão, fundador da Ordem. Buscamos problematizar a construção de discursos sobre Domingos por seus hagiógrafos, de modo que nos permita entender se Domingos pode ser considerado um dominicano *a priori* ou se sua representação foi “modelada” através das hagiografias para que se encaixasse no “padrão identitário dominicano”<sup>1</sup> que se consolidava ao longo do século XIII.

Utilizamos três hagiografias produzidas por membros Ordem dos Pregadores durante o século XIII: a *Leyenda de Santo Domingo*, escrita por Pedro Ferrão entre 1235 e 1239<sup>2</sup>; a também intitulada *Leyenda de Santo Domingo*, escrita por Constantino de Orvieto entre 1246 e 1247<sup>3</sup>; e o capítulo sobre São Domingos na *Legenda Áurea*, de Jacopo de Varazze, e que tem sua data de início de escrita estimada no início da década de 1260.<sup>4</sup> Portanto, nosso recorte temporal está situado entre 1235, data estimada de início da redação da *Leyenda de Santo Domingo* de Pedro Ferrão, e 1298, data estimada da morte de Jacopo de Varazze. Afinal, é consenso na historiografia que a *Legenda Áurea* começou a ser escrita na década de 1260, porém continuou tendo adições de capítulos e modificações posteriores feitas ou consentidas por Jacopo até o fim de sua vida.<sup>5</sup>

O que pretendemos, de forma geral, é tentar responder a pergunta que dá título a esse trabalho: “*Era Domingos um Dominicano?*”. Essa pergunta engloba uma série de fatores para ser respondida. Primeiramente é preciso considerar que a escrita hagiográfica se dava, em geral, depois da morte do hagiografado, ou seja, ela se propunha a escrever e criar uma

---

<sup>1</sup> Partimos da ideia de um “padrão identitário” da Ordem dos Pregadores a partir das considerações presentes em: FORTES, C. C. *Societas studii: a construção da identidade institucional e os estudos entre os frades pregadores no século XIII*. Tese (Doutorado), 370 f. UFF/ICHF, 2011.

<sup>2</sup> PEDRO FERRANDO. *Leyenda de Santo Domingo*. Apud: Santo Domingo De Guzmán Visto Por Sus Contemporáneos. Esquema biográfico, introducciones, versión y notas de los Padres Fr. Miguel Gelabert, O.P., Fr. José María Milagro, O.P. Introduccion General por el Padre Fr. José María de Garganta, O.P. Madrid: BAC, MCMXLVII. pp. 325-382.

<sup>3</sup> CONSTANTINO DE ORVIETO. *Leyenda de Santo Domingo*. Apud: Santo Domingo De Guzmán Visto Por Sus Contemporáneos. Esquema biográfico, introducciones, versión y notas de los Padres Fr. Miguel Gelabert, O.P., Fr. José María Milagro, O.P. Introduccion General por el Padre Fr. José María de Garganta, O.P. Madrid: BAC, MCMXLVII. pp. 383-450.

<sup>4</sup> JACOPO DE VARAZZE. “São Domingos. In: JACOPO DE VARAZZE. *Legenda Áurea: Vidas de Santos*. Coordenação de Tradução: Hilário Franco Júnior. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

<sup>5</sup> Uma síntese dessa abordagem historiográfica pode ser consultada em TEIXEIRA, I. S. *A Legenda áurea de Jacopo de Varazze: temas, problemas, perspectivas*. São Leopoldo: Oikos, 2015.

narrativa que atribuía um perfil em um discurso sobre uma pessoa em torno da qual se constituía ou se queria constituir um culto.

Devemos levar em consideração também que ao longo do século XIII a Ordem dos Pregadores buscou se legitimar como instituição, e as hagiografias tiveram papel importante nesse processo. Alain Boureau<sup>6</sup> defende que a Ordem dos Pregadores, ao procurar se legitimar, constrói uma narrativa hagiográfica coletiva durante o século XIII, a *Vitae Fratrum*<sup>7</sup>. Seguindo um caminho um pouco diferente, nos focaremos aqui em analisar como essa busca por uma legitimação se expressou em outros escritos da Ordem que não se propunham coletivos: as hagiografias sobre Domingos de Gusmão.

Argumentamos que essas obras sobre o fundador da Ordem foram referência no que entendemos como modelo de “ser dominicano”. Sendo assim, partindo de considerações como as de Luigi Canetti<sup>8</sup> e Carolina Fortes<sup>9</sup>, entendemos que a identidade da Ordem dos Pregadores se legitima através da memória de Domingos.

Devemos ainda ter em mente que as hagiografias são literaturas<sup>10</sup>. Isso quer dizer que elas não possuem compromisso com a verdade histórica, apesar de nos fornecerem luzes sobre o passado. Esses relatos são permeados por um discurso retórico e narrativo: têm como objetivo não só a edificação do santo hagiografado, como também o exemplo a ser passado por ele.

Essas considerações revelam um de nossos pontos de partida. A saber: a construção de um discurso hagiográfico está imbuída de interesses político-ideológicos, que fazem com que o exemplo dado pelo santo seja também uma ferramenta de difusão de um discurso. Sendo assim, acreditamos que as hagiografias precisavam ser verossímeis e persuasivas.

A partir dessas considerações surgem perguntas que buscaremos responder ao longo do trabalho:

- a) “*Qual era a identidade da Ordem dos Pregadores?*”;
- b) “*Qual a importância das hagiografias para as ordens mendicantes?*”;
- c) “*Para quem era dirigido esse discurso hagiográfico?*”.

---

<sup>6</sup> BOUREAU, Alain. No coração da Idade Média: os dominicanos e a maestria narrativa. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, 4-1, 2010, pp. 141-168.

<sup>7</sup> GERARDO DE FRACHET. *Vitae Fratrum Ordinis Praedicatorum*. Apud: Santo Domingo De Guzmán Visto Por Sus Contemporáneos. Esquema biográfico, introducciones, versión y notas de los Padres Fr. Miguel Gelabert, O.P., Fr. José María Milagro, O.P.. Introducción General por el Padre Fr. José María de Garganta, O.P. Madrid: BAC, MCMXLVII.

<sup>8</sup> CANETTI, L.. *L'Invenzione della memória: il culto e l'immagine di Domenico nella storia dei primi frati Predicatori*. Spoleto: Centro italiano di Studi Sull'Alto Medioevo, 1996.

<sup>9</sup> FORTES, C. C. *Societas studii...* op. cit.

<sup>10</sup>

De forma a nortear nossas análises e tentar responder tais perguntas partimos da hipótese que Domingos, *a priori*, não era um dominicano aos moldes dos demais frades da Ordem que viveram após sua morte. Ou seja, em um primeiro momento consideramos que o “modelo” de São Domingos de Gusmão foi construído nas hagiografias. Assumimos a ideia inicial que à medida que a Ordem dos Pregadores consolidava suas estruturas e suas identidades, as representações de Domingos eram elaboradas.

Ao final do trabalho esperamos analisar o estudo e a pregação nas hagiografias de Domingos de Gusmão e compará-los para entender qual a relação desses dois aspectos com a construção de um discurso hagiográfico sobre Domingos de Gusmão e institucionalização da identidade da Ordem dos Pregadores.

Como principais referenciais teóricos-metodológicos, utilizaremos o conceito de Identidade e utilizaremos como metodologia a Análise do Discurso e a História Comparada. Para discutir grande parte do que chamamos de “identidade institucional” da Ordem dos Pregadores é necessário definir tal conceito, evidenciando sua aplicabilidade no contexto medieval e religioso do século XIII. O conceito de Identidade usado está embasado na abordagem e conceituação feita por Carolina Fortes em sua tese. A autora utiliza autores como Zygmunt Bauman<sup>11</sup>, Kathryn Woodward<sup>12</sup> e Anthony Giddens<sup>13</sup> para definir o conceito. Os argumentos dos dois primeiros são os que mais nos interessam aqui. Fortes sintetiza o argumento de Woodward quanto à relação entre identidade e linguagem da seguinte forma:

A socióloga Kathryn Woodward levanta um aspecto central para a definição da questão da identidade, como para tantos outros fenômenos sociais: a linguagem. As identidades são significadas pela linguagem e sistemas simbólicos que as representam. “A representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações em seu interior.” Portanto, sendo o nosso contato com o passado mediado pela linguagem, e sendo as representações também por ela constituída, é por meio do que os frades disseram de si, a forma como eles se representavam – e como eram também representados por outros – que dão ver o processo de construção de sua identidade.<sup>14</sup>

O que nos interessa em seu argumento é entender como as hagiografias produzidas pela Ordem representavam a eles mesmos e aos outros. Ou seja, aqui fica latente a ideia de

---

<sup>11</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

<sup>12</sup> WOODWARD, Kathryn. Concepts of Identity and Difference. In: \_\_\_\_\_ (ed.) *Identity and Difference*. London: Routledge, 1997

<sup>13</sup> GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

<sup>14</sup> FORTES, C. C. *Societas studii*... op. cit., p.63.

representar através das hagiografias o que os próprios dominicanos entendiam por “ser dominicano”.

Bauman, por outro lado, afirma que:

A identidade – sejamos claros sobre isso – é um “conceito altamente contestado”. Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade. [...] A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado.<sup>15</sup>

O autor entende que a necessidade de construir e manter uma identidade institucional como uma forma de indicar que um grupo não só está lutando por se diferenciar dos demais, como também está lutando por legitimar sua existência. Sendo assim, entendemos que a busca pela institucionalização de uma identidade para os dominicanos passava muito por garantir a sobrevivência da Ordem dentro da Igreja, visto que ela sofreu diversos ataques ao longo do século XIII.

Com base na História Comparada e na Análise de Discurso acreditamos que poderemos, ao menos minimamente, analisar as obras hagiográficas e encontrar subsídios suficientes para tentar responder as perguntas que esse trabalho de conclusão de curso pretende discutir.

Ao utilizarmos o conceito de Análise do Discurso, teremos como base os trabalhos de autores como N. Fairclough<sup>16</sup>, D. Maingueneau<sup>17</sup>, M. Pêcheux<sup>18</sup>, M. Foucault<sup>19</sup>. Nesse sentido, aplicamos essa análise para olhar para a documentação através do que esses autores falam sobre a análise do discurso para as Ciências Sociais, considerando principalmente a perspectiva narrativa e retórica. Relacionamos esse conceito com os argumentos levantados por André Miatello, sobre a retórica hagiográfica<sup>20</sup>, e Alain Boureau, sobre a *Maestria narrativa* dominicana<sup>21</sup>. Além desses autores, nos valemos das contribuições de Andréia C. L. da Silva Frazão<sup>22</sup> sobre os usos da análise do discurso para com as hagiografias.

<sup>15</sup> BAUMAN, Zygmunt. op. cit. pp.,84-85.

<sup>16</sup> FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. (Coordenação da trad.) Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001

<sup>17</sup> MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

<sup>18</sup> PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F. HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso* – introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp. Pp 61 – 161, 1990.

<sup>19</sup> FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 7 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. (Leituras Filosóficas).

<sup>20</sup> MIATELLO, A. Santos e pregadores nas cidades medievais italianas: retórica cívica e hagiografia. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013

<sup>21</sup> BOUREAU, A. op. cit.

<sup>22</sup> FRAZAO, A. C. L. *Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero*. *Cronos: Revista de História*, Pedro Leopoldo, n. 6, 2002. pp.2-3

Utilizaremos da História Comparada a partir da perspectiva de que ao comparar duas obras ou dois assuntos (objetos) presentes nas hagiografias, por exemplo, poderemos identificar possíveis estruturas comparáveis. Essas estruturas comparáveis nos permitem achar diferenças e semelhanças entre elas, para que possamos construir quadros comparativos. Os quadros nos fornecem as informações necessárias para identificar transformações e continuidades na documentação analisada. Sendo assim, nos valeremos da síntese publicada por José D'Assunção Barros, em seu livro dedicado a História Comparada:

Trata-se de iluminar um objeto ou situação a partir de outro, mais conhecido, de modo que o espírito que aprofunda essa prática comparativa dispõe-se a fazer analogias, a identificar semelhanças e diferenças entre duas realidades, a perceber variações de um mesmo modelo. (...) Será por fim possível, se o que se observa são dois objetos ou realidades dinâmicas em transformação, verificar como os elementos identificados através da comparação vão variando em alguma direção mais específica – de modo que se possa identificar um certo padrão de transformações no decurso de um tempo – e, mais ainda, se temos duas realidades contíguas, como uma influencia a outra, e como as duas a partir da relação recíproca terminam por se transformar mutuamente.<sup>23</sup>

Por fim, buscaremos, a partir dessas considerações, unir a comparação com a análise do discurso, de forma que consigamos criar objetos de comparação entre os textos hagiográficos que utilizaremos. Assim, pautaremos nossa análise a partir de dois focos: os estudos e a pregação.

---

<sup>23</sup> BARROS, José D'Assunção. História Comparada. Petrópolis: Vozes, 2014. pp.17-18.

## CAPÍTULO 1 - A MENDICÂNCIA E A ORDEM DOS PREGADORES NA HISTORIOGRAFIA

O século XIII iniciou carregando uma bagagem pesada advinda de seus séculos antecessores. Talvez o setor social mais conturbado do período era o religioso. As renovações eremíticas e monásticas ocorridas de fins do século XI ao início do XII tiveram seus ecos. Carolina Coelho Fortes nos ajuda a entender um pouco desse processo:

O século XIII foi um período marcado por vários movimentos religiosos. Já no século anterior começavam a se multiplicar e fortalecer as “seitas heréticas” que incomodariam os planos homogeneizantes da Igreja. Como reação a esse e outros fenômenos, o século XIII vê nascer as ordens mendicantes, que tinham como um de seus principais objetivos expor aos fiéis a fé cristã, tentando, desta forma, erradicar as interpretações heterodoxas do cristianismo, disseminadas pelos hereges. Essa batalha pretendiam vencê-la, sobretudo, pelas palavras, sendo seu principal veículo a pregação. É assim que a Ordem dos Pregadores, fundada por Domingos no início daquele século, toma lugar importante na vida da Igreja e da sociedade medieval.<sup>24</sup>

Fortes, ao fazer a afirmação acima, levanta dois elementos muito importantes para o período e que adotamos em nosso trabalho: o surgimento das ordens mendicantes e a fundação da Ordem dos Pregadores, como resposta a essa instabilidade religiosa. Essas ordens surgiram em um momento de transformações sociais na Europa, com acelerado desenvolvimento urbano e mudanças nas estruturas feudais. Essas transformações sociais também estiveram atreladas a movimentos de renovação dentro da Igreja Católica, que, desde o início do século, ameaçada pelo crescimento da heresia, se empenhava em combater hereges.

O momento em que a Igreja se encontrava, em meio à perda de popularidade e intentos reformista, dentre outros motivos, fez com que o papa Inocêncio III convocasse o IV Concílio de Latrão, realizado no ano de 1215. Dos cânones definidos por este concílio, um nos salta aos olhos: o cânone XIII.<sup>25</sup> Este cânone definia que não se poderia mais criar nenhuma nova ordem religiosa, sendo que quem desejasse ingressar na vida religiosa, deveria entrar em uma ordem já existente e aprovada. Apesar desse cânone tão explícito, a Ordem dos Pregadores foi criada por Domingos de Gusmão em 1216 e confirmada pelo papa Honório III em 21 de janeiro 1217 através da bula *Gratiarum Omnium largitori*. Isso só foi possível porque Inocêncio III teria recomendado a Domingos, sabendo da intenção da proibição de novas

---

<sup>24</sup> FORTES, C. C. *Societas studii...* op. cit., p.24.

<sup>25</sup> *LATERANENSE IV*. Vitoria, Espanha: ESET, 1972.

ordens, que escolhesse uma regra religiosa já existente. Domingos escolheu a regra de Santo Agostinho.

Se por um lado o surgimento das ordens mendicantes, principalmente a Ordem dos Pregadores, se deu em um momento em que a Igreja não era favorável a isso, por outro lado essas ordens se inseriram de forma muito singular no projeto de renovação religiosa pelo qual a Igreja Católica passava. André Vauchez, em seu livro *A espiritualidade na Idade Média ocidental (séculos VIII a XIII)*<sup>26</sup>, ao dedicar um capítulo ao século XIII, tenta explicar como que os mendicantes se inseriram nesse projeto da Igreja de reconquista de espaço na sociedade:

no começo do século XIII, restava encontrar a fórmula que permitisse a cada cristão viver de acordo com o Evangelho, no seio da Igreja e no coração do mundo. Foi esse o papel histórico dos fundadores das ordens mendicantes, são Francisco de Assis e são Domingos, assim como de seus filhos espirituais e seus êmulos: elaborar e difundir essa fórmula em todos os níveis da sociedade, especialmente nos meios urbanos.<sup>27</sup>

Vauchez afirma que as ordens mendicantes assumem o papel de atuar em meio às cidades, buscando, através da pregação, recuperar o espaço perdido pelos católicos para as heresias. Sendo assim, era preciso que a Igreja saísse do claustro dos mosteiros e atingisse aos seus fiéis de forma mais atuante, levando seus homens para dentro das cidades.

É com base nesse contexto de surgimento dessas ordens que analisamos o surgimento da mendicância no século XIII considerando alguns dos aspectos que contribuíram para o sucesso da atuação das ordens mendicantes. Aspectos como o preceito da imitação da vida apostólica, que influenciaram na atuação dessas ordens junto à sociedade. A partir dessas considerações, buscaremos entender o processo de institucionalização da identidade da Ordem dos Pregadores ao longo do seu primeiro século de existência.

### **1.1 As Ordens Mendicantes: a mendicância no século XIII**

Augustine Thompson, em seu artigo *The Origins of Religious Mendicancy in Medieval Europe*, publicado na coletânea *The Origin, Development, and Refinement of Medieval Religious Mendicancies*, organizada por Donald Prudlo,<sup>28</sup> ao fazer uma análise

<sup>26</sup> VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental: séc. VIII-XIII*. Lisboa: Ed. Estampa, 1995.

<sup>27</sup> *Ibidem*. p.126.

<sup>28</sup> THOMPSON, A. The Origins of Religious Mendicancy in Medieval Europe. In: PRUDLO, D. (Ed.). *The origin, development, and refinement of medieval religious mendicancies*. Boston: Brill, 2011.

sobre os principais aspectos que contribuíram para a formação da ideia de mendicância na Idade Média, destaca os seguintes aspectos como sendo parte da “inovação” criada pelos mendicantes:

No lugar de contemplação enclausurada, os Mendicantes perseguiram um apostolado ativo; no lugar de estabilidade da vida em um único mosteiro, eles foram itinerantes. Mendicantes faziam parte de uma organização internacional sob o papado - uma "ordem". Mais importante, eles praticavam uma forma radical da pobreza, que incluiu mendicância religiosa, a prática a partir do qual eles receberam o nome de "mendicante."<sup>29</sup>

Thompson afirma que os mendicantes buscavam uma vida itinerante, baseada nos ideais apostólicos, em que a pobreza e a prática da mendicância surgiam como elementos principais. Porém essa mendicância tem sua origem e base nos séculos anteriores. O próprio Thompson constrói um argumento sobre a existência de uma “proto-menicância”:

Para entender a mendicância do século XIII é preciso conectá-la com esses movimentos anteriores de reforma. [...] Existiam proto-menicâncias entre os pregadores eremitas franceses e alemães dos séculos XI e XII [...]. A espiritualidade dos pregadores eremita acrescentou "pobreza, ascetismo e a prática do trabalho manual" para a vida litúrgica tradicional dos monges.<sup>30</sup>

Thompson enfatiza que a marca deixada pelos eremitas pregadores nos ideais da mendicância no século XIII se expressa principalmente na prática da pobreza e do ascetismo (simbolizado pelos pés descalços dos frades), na itinerância e na pregação sobre o arrependimento – todas essas características apostólicas. Sendo assim, o autor irá destacar que a pobreza praticada pelos mendicantes tem uma importante diferença em relação à praticada pelos eremitas: a mendicidade. Não era comum aos eremitas a prática da mendicância como meio de suporte de sua religiosidade. Diferentemente, a partir de meados do século XIII, as ordens religiosas que surgiram tinham nessa prática uma de suas principais características.<sup>31</sup>

O tema da pobreza entre os mendicantes esteve muito atrelado às ideias de São Francisco de Assis. O fundador da Ordem dos Franciscanos buscou em Cristo e nos apóstolos o exemplo de recusa à posse de bens, tanto individuais como coletivos. Porém as

<sup>29</sup> Ibidem. p.3.(tradução livre): “In place of cloistered contemplation, the Mendicants pursued an active apostolate; in place of stability of life in a single monastery, they were itinerant. Mendicants were part of an international organization under the papacy-an “order.” Most importantly, they practiced a radical form of poverty that included religious begging, the practice from which they received the name “mendicant.”

<sup>30</sup> Ibidem. p.5. (tradução livre): “To understand thirteenth-century mendicancy we need to connect it with these earlier movements of reform. [...] proto-menicancy existed among French and German hermit preachers of the eleventh and twelfth centuries [...]“The spirituality of the hermit preachers added “poverty, asceticism, and the practice of manual labor” to the traditional liturgical life of the monks”.

<sup>31</sup> Ibidem. pp.6-8.

interpretações desse ideal não foram uniformes entre mendicantes. Apesar da possível influência que Francisco teve sobre Domingos nessa questão, ambos conceberam a pobreza de forma diferente em suas ordens.

Teresinha Oliveira destaca que os dominicanos, diferentemente dos franciscanos, não se preocuparam apenas com as questões da pobreza, mas sim expandiram sua atuação religiosa ao criarem uma nova forma de interpretação do Evangelho e da sociedade. O foco dado aos estudos da Teologia, pensados como aprimoramento para pregação, permitiram aos frades pregadores criar uma nova doutrina capaz de enfrentar a crise que havia se instaurado no seio da cristandade latina. Oliveira ainda destaca o papel inovador das Ordens Mendicantes, dando ênfase ainda a proximidade que elas tinham com a sociedade e o mundo laico, além do fato de tanto Dominicanos, quanto Franciscanos, terem atraído muitos jovens para suas ordens. Estes fatores, que culminaram numa popularização dos mendicantes, acabaram por criar conflitos com os setores mais tradicionais da Igreja.<sup>32</sup>

A proximidade dos frades mendicantes com a sociedade criou novos vínculos entre a população leiga e a Igreja. Lester K. Little, ao escrever no verbete sobre Monges e Religiosos no *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, sintetiza essa ideia da seguinte forma:

O frade, ao contrário (do monge), entrava em uma ordem mais do que em um convento particular. [...] Ao contrário dos mosteiros, os conventos das Ordens Mendicantes estavam situados nas cidades; os frades passavam frequentemente de um convento a outro de sua ordem, em função das necessidades do ministério. [...] No entanto, os frades não se limitaram apenas a criar uma nova forma de vida religiosa, fizeram muito mais, incentivando uma nova espiritualidade laica. O resultado final, singular e paradoxal, foi que a religião deixou de ser privilégio exclusivo de uma elite, uma experiência que o resto da sociedade só podia viver por procuração.<sup>33</sup>

Ao fazer tal afirmação, Little, assim como os demais autores aqui citados, entende que as ordens mendicantes acabaram por construir um novo tipo de vivência da religiosidade cristã na Idade Média. A cada vez maior aproximação com os escritos do Antigo e Novo Testamento, tornaram essas ordens, principalmente franciscanos e dominicanos, carismáticas. A pregação, principalmente nas cidades, feita pelos mendicantes passou a ser uma importante “arma” da cristandade, o que elevou o *status* dessas ordens junto à cúpula da Igreja.

Segundo Thompson, a “identidade” mendicante vai se forjando ao longo do século XIII, através de suas formas de atuação e da relação com o papado. Dessa relação,

<sup>32</sup> OLIVEIRA, T. *Ensino e debate na Universidade Parisiense do século XIII: Tomás de Aquino e Boaventura de Bagnoregio* (Textos). Maringá: Eduem, 2012.

<sup>33</sup> LITTLE, L. K. “Monges e Religiosos”. In: LE GOFF, J. & Schmitt, J.-C. (coords.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2006, p.237.

dominicanos e franciscanos recebiam privilégios e gradativamente se diferenciavam dos demais grupos da Igreja, constituindo um “senso de identidade” entre as duas ordens, formando um tipo de “clero alternativo”. Segundo este autor, essa identidade estava “enraizada em uma necessidade de justificar o papel pastoral especial delas, e não de suas prática de pobreza ou de mendicância.”<sup>34</sup>

Segundo Thompson, apenas no Concílio de Lyon II, 1274, que um texto oficial reconheceu a existência de ordens mendicantes, entendidas como um grupo que se diferenciava das demais ordens por suas especificidades. Sendo assim, o autor conclui que mendicância e ordens mendicantes como conceitos religiosos só aparecem a partir da década de 1280. Logo, a mendicância ao longo do século XIII esteve muito relacionada à definição de uma prática e de um ideal religioso, apoiado principalmente no apostolado.

### 1.1.1 A mendicância entre os dominicanos

A partir do que foi citado no item anterior, destacamos posições como a de Augustine Thompson, que, conforme dito, cunhou ideia de existência de uma “proto-menicância” antes das ordens mendicantes no século XIII. Nesse sentido, se analisarmos antecedentes da fundação da Ordem dos Pregadores, encontramos exemplos como o da *Predicatio*, liderada por Diego de Osma, com a companhia de Domingos. A *Predicatio* consistiu num período antes da formação da Ordem dos Pregadores em que Diego e Domingos pregaram contra os hereges na região do Midi no contexto da Cruzada Albigense. A historiografia tende a entender esse período como fundamental para Domingos para pensar na criação da Ordem. Marie-Humbert Vicaire afirma que “o ideal de Domingos desde 1206 é a regra dos apóstolos. Ele comporta a mendicância à título essencial.”<sup>35</sup> Sendo assim, as experiências de pregação contra a heresia, bem como da busca pela imitação dos apóstolos, fizeram com que Domingos entendesse aquele modelo como ideal, conforme afirma Little:

São Domingos era um cônego regular, cujo ministério levava-o a passar uma longa temporada entre os cátaros, no Languedoc. Suas experiências entre estes detratores da Igreja romana bem como entre os fiéis, instigaram-no a ver na pregação a necessidade mais urgente de sua época. Pregação que devia se apoiar sobre uma formação teológica, ser apresentada na forma de um discurso racional e pronunciada

<sup>34</sup> THOMPSON, A. op. cit., p.23. (tradução livre): “[...] is rooted in a need to justify their special pastoral role, not in their practice of poverty or begging.”

<sup>35</sup> VICAIRE, M.-H. *Histoire de Saint Dominique*. Paris: Du Cerf, 2004. p. 353. apud: FORTES, C. op. cit. p.92.

por religiosos acima de qualquer suspeita, em particular no que concerne ao modelo apostólico de pobreza e humildade.<sup>36</sup>

Aqui o autor destaca um aspecto importante na diferenciação da mendicância praticada pelos dominicanos em relação às demais ordens mendicantes: a necessidade de uma formação teológica que apoiasse a pregação. Essa preocupação com a formação teológica dos frades como meio para pregação não esteve tão presente nas demais ordens mendicantes. André Vauchez afirma que Francisco de Assis tinha receios quanto aos estudos dentro de sua ordem, visto que naquela época o saber conferia poder e superioridade, o que poderia desvirtuar os frades do ideal de humildade proposto por ele.<sup>37</sup>

Outro fator importante que se manifestou de forma diferente junto aos dominicanos é o ideal de pobreza. Vauchez afirma que: “Para ele (Domingos), ela (a pobreza) constituía antes de tudo uma arma contra a heresia e uma condição, necessária, mas não suficiente, para que o testemunho dos pregadores católicos fosse recebido e compreendido pelas massas.”<sup>38</sup> Simon Tugwell segue na linha de Vauchez ao destacar a adoção da pobreza mendicante como essencial para a Ordem.

A partir disso, podemos entender a pobreza como importante fator para construção da identidade da Ordem, visto que a mendicância se consolida nos primeiros anos da Ordem, bem como é “confirmada” por uma bula papal da qual Domingos supostamente teria se utilizado para salientar a mendicância como aspecto indispensável para a Ordem, e para enfatizar a relação entre a Ordem e a Cúria papal.<sup>39</sup> Porém aqui a pobreza não é entendida como um ideal a ser seguido acima de qualquer outro, conforme se verifica entre os franciscanos, mas sim como um meio que possibilitaria aos dominicanos a prática dos princípios da mendicância. Anthony Lappin, ao problematizar a questão da mendicância nos primeiros anos da Ordem, afirma que:

Evidentemente, os pregadores não teriam mais que implorar para sustento diário. Eles haviam mudado de itinerantes desconhecidos em Bolonha aos investidores significativos no “setor imobiliário”. O papado incentivou esse movimento: a bula emitida em 08 de dezembro de 1219 é explícita sobre a necessidade de bispos e da população de apoiar os pregadores em tudo o que fosse necessário;<sup>40</sup>

<sup>36</sup> LITTLE, L. K op. cit., p.239.

<sup>37</sup> VAUCHEZ, A. op. cit., pp.128-129.

<sup>38</sup> Ibidem. p.136.

<sup>39</sup> TUGWELL, S. *Saint Dominic*. Estrasburgo: Signe, 1995. apud: FORTES, C. op. cit. p.106.

<sup>40</sup> LAPPIN, A. J. From Osma to Bologna, from Canons to Friars, from the Preaching to the Preachers: the Dominican Path Towards Mendicancy In: PRUDLO, D. (Ed.). *The origin, development, and refinement of medieval religious mendicancies*. Boston: Brill, 2011. p. 51.(tradução livre): “Evidently, the preachers were no longer having to beg for daily sustenance. They had moved from itinerant nobodies in Bologna to significant investors in real estate. The papacy encouraged that move: the bull issued on 8 December 1219 is explicit

Nesse trecho Lappin não só destaca que o ideal de pobreza e mendicância para a Ordem está tão arraigado na sociedade, assim como para Igreja, que o papado acaba por determinar que tanto os bispos locais quanto a população deveriam fornecer o que fosse necessário para dar respaldo às atividades de pregação dos frades. Aqui, dentro vários aspectos que nos chamam atenção, destacamos o envolvimento do papado com a Ordem desde cedo. Já fora comentado anteriormente sobre a participação dos papas Inocêncio III e Honório III na confirmação da Ordem, porém, a relação entre dominicanos e a Cúria papal continuou.

A respeito da relação entre Ordem e papado, e conseqüentemente dos privilégios papais recebidos pelos dominicanos, Patrick Zutshi, em seu texto *Letters of Pope Honorius III Concerning the Order of Preachers*<sup>41</sup>, faz uma análise de uma série de documentos da chancelaria papal que estiveram relacionados com Domingos de Gusmão ou com a Ordem dos Pregadores. Zutshi argumenta que a relação entre Domingos e o Papa Inocêncio III gerou bons frutos no processo de criação da Ordem em 1216, bem como nos privilégios recebidos pela Ordem posteriormente.

Mesmo que o cânone XIII do IV Concílio de Latrão impedisse a criação de novas ordens, a influência de Domingos na Cúria papal permitiu que, apesar da morte de Inocêncio III e a ascensão de Honório III, a Ordem dos Pregadores fosse confirmada. Zutshi ainda destaca que é possível identificar um envolvimento muito próximo de um frade dominicano na produção das cartas papais em favor da própria Ordem.

As considerações feitas por Patrick Zutshi nos permitem entender com mais detalhes como os dominicanos foram ganhando espaço dentro da Igreja. A relação com o papado, aliado ao crescimento da popularidade das ordens mendicantes junto a sociedade, foram importantes aspectos que ajudaram a sustentar essas ordens na busca pela criação de uma nova religiosidade dentro da cristandade.

Um exemplo do rápido crescimento da importância e popularidade da Ordem dos Pregadores na cristandade se expressa também no fato de já em 1276 – 50 anos após a criação da Ordem – Pierre Tarentaise, frade dominicano com destacada atuação como pregador, ter sido escolhido Papa, sendo conhecido pelo nome de Inocêncio IV.

---

regarding the need for both the bishops and the populace to support the preachers in whatever they might be in need of.”

<sup>41</sup> ZUTSHI, P. *Letters of Pope Honorius III Concerning the Order of Preachers*. In: ANDREWS F; EGGER, C; RUSSEAU, C. M. (Ed.) *Pope, Church and City: Essays in Honor of Brenda M. Bolton*. Leiden; Boston: Brill, 2004.

Se por um lado podemos entender que aspectos como a pobreza, o estudo da teologia e o envolvimento com papado foram meios encontrados pelos dominicanos para praticarem a mendicância, por outro lado, Anthony Lappin afirma que a mendicância também era um meio para se chegar a um fim: a imitação de Cristo e dos apóstolos. O autor entende que a imitação dos apóstolos tinha papel primordial no que Domingos pensava para sua ordem:

A proposta de Domingos mostra a forma como ele previa seus pregadores sendo como os apóstolos, a nomeação de diáconos para executar seus negócios, permitindo-lhes concentrar-se em anunciar a palavra de Deus. Mais uma vez, podemos apontar que o que importava para Domingos era a conformidade com o exemplo apostólico. Ainda, a decisão de Honório que lhes permitam ouvir confissões deu-lhes um outro meio de imitar os apóstolos.<sup>42</sup>

Assim como para as outras ordens mendicantes, o apostolado era o exemplo a ser seguido. Porém, conforme dito acima, cada ordem tinha suas peculiaridades. Logo, o que diferenciava a atuação de uma para outra? Entendemos que nesse sentido o estudo da teologia foi o principal definidor da Ordem dos Pregadores dentre as demais ordens mendicantes. A partir dessa ideia, nos ateremos agora a como foi construída a identidade institucional dos dominicanos.

## **1.2 Princípio de uma identidade Dominicana**

Em meio às demais ordens mendicantes a Ordem dos Pregadores precisava se diferenciar. A Ordem precisava achar uma razão de existência que não fosse igual a das outras ordens mendicantes e que a legitimasse. Quanto a isso nos voltamos aqui ao que Zygmunt Bauman afirma sobre a identidade e poder. Conforme mencionado na Introdução deste trabalho, o autor entende que a necessidade que um grupo tem de construir e manter uma identidade institucional é uma forma de indicar que esse grupo não só está lutando por se diferenciar dos demais, como também está lutando por legitimar sua existência. Concordamos com este posicionamento e entendemos que um dos motivos para a busca pela institucionalização de uma identidade para os dominicanos estava muito relacionada com o intuito de garantir a sobrevivência da Ordem em meio a cristandade. Outro aspecto que consideramos é o fato de que o modelo de vida cristã dos dominicano também foi usado como

---

<sup>42</sup> LAPPIN, A. op. cit., p.54-55. (tradução livre): “Dominic’s proposal shows how he envisaged his preachers as being like the apostles, appointing deacons to run their affairs, allowing them to concentrate on announcing the word of God. Again, we might point out that what mattered to Dominic was conformity to the apostolic example. Even Honorius’s decision to allow them to hear confessions gave them another means of imitating the apostles.”

base na defesa de uma unidade na Igreja, principalmente através da atuação dos frades pregadores na Inquisição. Ou seja, esses dois fatores indicavam a importância da definição de uma identidade e, conseqüentemente, de um modelo de conduta de vida cristã por parte dos dominicanos.

Era preciso então que os dominicanos encontrassem um elemento que os definisse. É nesse aspecto que os estudos começam a ganhar destaque. André Vauchez sintetiza aquilo que grande parte da historiografia vem consolidando sobre esse debate:

O objetivo que eles visavam era ao mesmo tempo simples e grandioso: “Falar com Deus e de Deus.” Para isso, não hesitaram em dar prioridade ao trabalho intelectual sobre a vida conventual e a liturgia. Essa aposta na cultura erudita daria bons resultados: em um mundo em que o saber teórico e prático começava a ter um papel importante e onde as universidades logo iriam constituir um terceiro poder ao lado do Sacerdócio e do Império, havia lugar para uma ordem de “doutores”, cuja função principal seria “transmitir aos outros as coisas contempladas”.<sup>43</sup>

Carolina Fortes concorda com Vauchez sobre a existência de um lugar para uma “ordem de doutores”. A autora tem como principal argumento em sua tese de doutorado, intitulada *Societas studii: a construção da identidade institucional e os estudos entre os frades pregadores no século XIII*, que a Ordem dos Pregadores se constitui ao longo do século XIII em uma *Societas Studii*, ou seja, em uma ordem que tinha nos estudos seu elemento mais importante e a partir deles construiu sua identidade institucional. Para ela “Os frades dominicanos tomaram como principal elemento definidor de sua identidade institucional os estudos, e não a pregação, como seria de se esperar.” Sendo assim, Domingos e os Mestres Gerais da Ordem que o sucederam, “esforçaram-se em dar àquela nova *religio* o caráter de Ordem letrada, construindo pouco e a pouco, e minuciosamente, um sistema educacional que abrangia cada convento de pregadores.” A autora ainda acrescenta que “a insistência nos estudos faz transparecer o anseio de dar coesão interna à Ordem, bem como de diferenciá-la em relação a outros grupos eclesiásticos, frades menores, clérigos seculares e monges.”<sup>44</sup>

Em acréscimo ao argumento de Fortes, porém trazendo uma nova perspectiva, Igor Salomão Teixeira, em seu artigo *Os estudos na literatura hagiográfica dominicana: Domingos, Pedro e Tomás*, afirma ao concluir seu texto:

No que se refere à “identidade institucional”, arriscamos dizer que, embora essa identidade baseada nos estudos estivesse bem definida no século XIII no que tange a estrutura administrativa da Ordem, do ponto de vista da pregação, a característica

<sup>43</sup> VAUCHEZ, A. op. cit., p.135.

<sup>44</sup> FORTES, C. C. *Societas studii*... op. cit., pp.17-18.

dos frades pregadores como membros de um *societas studii* só se completou cerca de cem anos após a fundação da Ordem com a canonização de Tomás de Aquino.<sup>45</sup>

Assim como Fortes, acreditamos que Domingos de Gusmão é peça fundamental para a institucionalização da identidade dominicana. Porém, Teixeira argumenta que Tomás de Aquino, primeiro santo dominicano reconhecido por sua atuação como estudioso, fora canonizado apenas em 1323, quase um século depois da canonização de Domingos.

A argumentação feita por Igor Teixeira nos faz pensar algumas questões. A historiografia tem consolidado a ideia de que a Ordem dos Pregadores se baseou em dois grandes pilares: a pregação e os estudos. Logo, se temos como objetivo tentar identificar elementos identitários da Ordem dos Pregadores nas hagiografias, não podemos descartar de antemão nenhum desses dois aspectos.

### 1.2.1 Pregadores ou Estudiosos?

Mas afinal, era uma Ordem dos Pregadores ou Ordem dos Estudiosos? Eis a questão que surge ao levarmos em consideração os argumentos de Carolina Fortes. Conforme diz Teresinha Oliveira, “O trabalho de evangelização e a busca pelo saber estão na ordem do dia dos mendicantes.”<sup>46</sup> Então qual desses dois aspectos definia os dominicanos?

Patrick Zutshi afirma que “pregação e ortodoxia mantiveram-se centrais para a missão da ordem, com ênfase no estudo como meio essencial do treinamento dos frades para suas missões de pregação.”<sup>47</sup> Donald Prudlo ainda acrescenta que:

Assim como os dominicanos foram bem-sucedidas no campo intelectual, eles também se tornaram alguns dos mais renomados pregadores da época, que era afinal a sua principal razão para a existência. O desejo de Domingos, expressos nas Constituições, foi para efetuar a salvação das almas, incentivando o desenvolvimento de pregadores missionários de elite [...].<sup>48</sup>

<sup>45</sup> TEIXEIRA, I. S. Os estudos na literatura hagiográfica dominicana: Domingos, Pedro e Tomás. In: CRUXEN, E. B.; MATTOS, C. & TEIXEIRA, I. S. *Reflexões sobre o Medievo II: Práticas e saberes no Ocidente Medieval*. São Leopoldo: Oikos, 2012. p.152.

<sup>46</sup> OLIVEIRA, T. *Os mendicantes e o ensino na universidade medieval: Boaventura e Tomás de Aquino*. ANPUH – XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – São Leopoldo, 2007, p.2.

<sup>47</sup> ZUTSHI, P. op. cit., p.286. (tradução livre): “[...] preaching and orthodoxy remained central to the order’s mission, with an emphasis on study as the essential means of training friars for their preaching mission.”

<sup>48</sup> PRUDLO, D. *The Friars Preachers: The First Hundred Years of the Dominican Order*. In: *History Compass* 8/11, 2010, p. 1278. (tradução livre): “Just as the Dominicans were successful in the intellectual field, so too did they become some of the most renowned preachers of the age, which was after all their primary reason for existence. Dominic’s desire, expressed in the Constitutions, was to effect the salvation of souls by encouraging the development of elite missionary preachers [...].”

Sendo assim, para formar pregadores de elite, era preciso criar uma estrutura que permitisse aos frades estudar a fundo a teologia. Carolina Fortes, em sua tese, ao analisar uma vasta gama de documentação, identifica nas fontes legislativas da Ordem um aspecto muito importante nesse sentido: as dispensas.

O fator predominante da vida dominicana era a atividade apostólica dos pregadores e a atividade doutrinária dos professores de teologia. Esse fim era cumprido através de intensa aplicação aos estudos, por uma vida de orações e pelo severo ascetismo, atenuado pelo sistema de dispensa, útil para estudantes e professores.<sup>49</sup>

Fortes destaca que Domingos, ao buscar uma melhor eficácia da atuação da Ordem, entendia que a pregação deveria estar apoiada na cultura livresca e no intenso trabalho intelectual dos frades. Sendo assim, para ela, indo um pouco diferente do que afirmaram Zutshi e Prudlo, o estudo da teologia tinha prioridade em relação as práticas conventuais e litúrgicas. Logo, as dispensas a fins de estudo permitiram que os frades da Ordem aperfeiçoassem seus estudos em teologia, tornando-os mais instruídos e capazes de instruir.<sup>50</sup> Essa postura por parte dos dominicanos resultou não só numa valorização do livro, como também fortaleceu a Bíblia como principal referência da mensagem divina.

Porém é preciso salientar alguns pontos. Domingos de Gusmão morre em 1221, pouco tempo depois da criação da Ordem. Sendo assim, é ingênuo acreditar que a identidade institucional dos dominicanos foi criada e posta em prática por Domingos. Donald Prudlo, em seu artigo *The Friars Preachers: The First Hundred Years of the Dominican Order*<sup>51</sup>, ao fazer um apanhado geral das principais características dos cem primeiros anos da Ordem dos Pregadores, frisa que durante esse período os dominicanos passaram de um pequeno grupo de homens dedicados a pregar contra a heresia Albigense, para uma ordem transnacional, com milhares de membros e cuja atuação como pregadores, bem como estudiosos, afetou toda a cristandade e influenciou diversos aspectos do mundo ocidental, sendo seu envolvimento com o surgimento das Universidades apenas um exemplo disso. É no primeiro século da Ordem em que os dominicanos buscam se afirmar como instituição, através de uma identidade não só que os diferenciasse das outras ordens, mas que também os definisse. Logo, se a identidade dominicana foi se consolidando com o passar do século XIII, e conseqüentemente com o desenvolvimento da mesma, coube aos sucessores de Domingos ditarem os rumos da Ordem após sua morte, tendo eles influência sobre o tipo de identidade institucional que iria se

---

<sup>49</sup> FORTES, C. C. *Societas studii...* op. cit., p.26.

<sup>50</sup> Ibidem. p.154.

<sup>51</sup> PRUDLO, D. op. cit., pp.1275-1290.

consolidar. Sendo assim, Carolina Fortes entende que “não há qualquer segurança na ideia de que a Ordem dos Pregadores tenha surgido de um projeto consciente e já, desde o início, pré-concebido por seu fundador.”<sup>52</sup> Veremos no próximo capítulo que os dominicanos buscaram legitimar essa identidade através das hagiografias sobre Domingos, moldando a narrativa sobre o fundador da Ordem conforme os interesses em voga no contexto de escrita de cada hagiografia.

A partir dessas considerações preliminares sobre os principais aspectos que moldaram a mendicância e a Ordem dos Pregadores, buscaremos entender como se deu o processo de escrita das hagiografias dominicanas sobre São Domingos de Gusmão. Argumentaremos sobre como a construção de um “discurso hagiográfico” sobre Domingos teve influência na busca por moldar e legitimar a identidade institucional da Ordem a partir do modelo exemplar de seu fundador.

---

<sup>52</sup> FORTES, C. C. *Societas studii...* op. cit, p.30.

## CAPÍTULO 2 - DOMINGOS DE GUSMÃO, O “SER DOMINICANO” E AS HAGIOGRAFIAS

### 2.1 As Hagiografias:

Um dos mais difundidos tipos de texto na cristandade durante o período medieval, os relatos sobre vidas de santos, ou hagiografias<sup>53</sup>, conforme afirma Hippolyte Delehaye, deveriam ter, por essência, um caráter religioso e buscar promover e edificar a vida de um santo.<sup>54</sup> Entretanto, não se pode confundir seu objetivo primário com criação de uma narrativa biográfica, mas sim, com a criação uma mensagem de exemplaridade de vida cristã através da figura do santo hagiografado.

Carolina Fortes, em sua dissertação de mestrado intitulada *Os Atributos Masculinos das Santas da Legenda Áurea: os casos de Maria e Madalena*, entende que as hagiografias podem ser uma importante fonte para entender a sociedade medieval. Sendo assim, Fortes aponta que:

...estas obras nos contam tanto sobre seu autor quanto sobre aqueles que fazem uso do texto – seus ideais e práticas, suas preocupações e aspirações – enquanto fala dos santos que são seu objeto. A hagiografia, assim, nos dá algum dos relatos mais valiosos para a reconstrução e estudo das práticas e dos ideais espirituais da cristandade medieval.<sup>55</sup>

Logo, a partir da análise dos textos hagiográficos, é possível identificar uma série de aspectos que influenciaram nas práticas sociais e, principalmente, religiosas da cristandade medieval. Essa influência se daria principalmente através do exemplo presente no relato da vida do santo.

Destacamos um autor que se preocupa em conceituar o que seria o gênero hagiográfico: Michel de Certeau. Historiador francês e membro da Companhia de Jesus, Certeau dedica um capítulo à escrita hagiográfica em sua obra *A Escrita da História*.<sup>56</sup> Esse capítulo faz uma revisão de alguns aspectos levantados por Delehaye e, conseqüentemente, passou a ser uma referência para o entendimento do conceito.

---

<sup>53</sup> Fazer menção à nota de rodapé do livro do André (creio que está na introdução ou no primeiro capítulo) sobre o uso ou não do termo hagiografia.

<sup>54</sup> DELEHAYE, H. *Les legends hagiographiques*. Bruxelas: Société des Bollandistes, 1973.

<sup>55</sup> FORTES, C. C. *Os atributos das Santas na Legenda Áurea: os casos de Maria e Madalena*. Dissertação (Mestrado), UFF/IFCS, 2003. p.90.

<sup>56</sup> DE CERTEAU, M. Uma Variante: A Edificação Hagiográfica. In: DE CERTEAU, M. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. pp. 266-278.

O autor salienta que a escrita hagiográfica passou por diferentes momentos e enfoques desde seu surgimento. Com o passar dos séculos, as hagiografias tomaram diferentes características, como por exemplo, deixar de focar a morte e passar a celebrar a vida. Esse é um aspecto importante, visto que é possível perceber que o martírio, um dos fatores para santificação mais comum durante a Alta Idade Média, acaba por perder seu protagonismo nos relatos hagiográficos dos séculos finais do medievo. Entretanto, um fator que não se alterou é a relação das hagiografias com as festas de celebração dos calendários litúrgicos.

Certeau destaca a função das vidas dos santos como sendo uma união de fatores que, juntos, formariam uma exemplaridade. Ou seja, conforme afirma, “não é uma referência aquilo que se passou, como faz a história, mas aquilo que é exemplar”.<sup>57</sup> Sendo assim, esse exemplo presente nas hagiografias exerce uma função social. Ele tem o objetivo de criar um argumento retórico que possibilite a conversão através da edificação de um modelo de conduta baseado nos preceitos de uma vida cristã. Logo, o autor afirma que a hagiografia assume um papel de vacância:

A vida dos santos traz à comunidade um elemento festivo. Ela se situa do lado do descanso e do lazer. Corresponde a um ‘tempo livre’, lugar posto à parte, abertura ‘espiritual’ e contemplativa. Não se encontra do lado da instrução, da norma pedagógica, do dogma. Ela ‘diverte’. Diferentemente dos textos nos quais é necessário acreditar ou praticar, ela oscila entre o crível e o incrível, propõe o que é lícito pensar ou fazer. Sob estes dois aspectos cria, fora do tempo e da regra, um espaço de ‘vacância’ e de possibilidades novas.<sup>58</sup>

A partir desse argumento de Certeau, Carolina Fortes entende que a hagiografia “Podia ditar modelos de conduta. A ficção na hagiografia trabalha para o extraordinário, que serve de exemplo.”<sup>59</sup> Logo, a retórica presente na hagiografia está a serviço de uma exemplaridade, que se propõe didática. Ronaldo Amaral acrescenta que: “a ‘realidade’ das coisas e dos seres, apresentadas pelas fontes hagiográficas, deva-se inscrever na categoria do verossímil em lugar do sincero ou do verdadeiro.”<sup>60</sup> Ou seja, o exemplo presente nas hagiografias, atrelado a esse papel de vacância, tende a ser persuasivo, convincente, e não meramente verdadeiro. Ele convence e converte o seu interlocutor de forma que este irá querer imitar a vida cristã do santo.

---

<sup>57</sup> DE CERTEAU, M. op.cit., p.267

<sup>58</sup> Ibidem. p.270

<sup>59</sup> FORTES, C. C. *Os atributos das Santas...* op. cit., p.92

<sup>60</sup> AMARAL, Ronaldo. *Santos imaginários, santos reais: a literatura hagiográfica como fonte histórica*. São Paulo: Intermeios, 2013, p.55.

Certeau indaga se, ao assumirem essa função de vacância, as hagiografias se caracterizariam como uma literatura popular. Chega à conclusão que sim, realmente era uma literatura essencialmente popular, que assumia características que a aproximavam de uma literatura “herética”, uma literatura não erudita, que se reproduzia em língua vulgar, devido à falta de acesso ao conhecimento ou ao não letramento de grande parte da sociedade. Logo, apesar de esse caráter de literatura popular ser severamente julgado pela sociedade eclesiástica, sua utilidade para com o povo era tida como importante, visto que ajudava na pregação e mantinha, por mais que atrelada a concepções errôneas e deturpadas pelo imaginário popular, uma proximidade do povo com o dogma e com a regra. Isso se dava, primordialmente, pela ênfase no exemplo a ser passado pela hagiografia.

Outro importante aspecto levantado por Michel de Certeau diz respeito ao fato que em virtude de a hagiografia ser um gênero literário, não se poderia visualizar esse corpus pelo ângulo da veracidade histórica, ou seja, “isto seria submeter um gênero literário à lei de um outro – a historiografia – e dismantelar um tipo próprio de discurso para não reter dele senão aquilo que ele não é.”<sup>61</sup> Sendo assim, é preciso analisar a hagiografia respeitando suas características e especificidades.

No que tange à questão das virtudes do santo, que o aproximaria da figura do herói biográfico, Certeau afirma que a hagiografia é, fundamentalmente, um discurso de virtudes. Relacionado a essa questão, Michel de Certeau entende que: “A construção da imagem efetua-se a partir de elementos semânticos. Desta maneira, para indicar no herói a fonte divina de sua ação e da heroicidade de suas virtudes, a vida de santo, frequentemente, lhe dá uma origem nobre.”<sup>62</sup>

A pesar de concordar em boa parte do que Michel de Certeau escreve, François Dosse, em um capítulo dedicado a escrita hagiográfica em seu livro *O Desafio Biográfico: Escrever Uma Vida*,<sup>63</sup> afirma que a santidade não está relacionada com uma potencialidade vinda do berço. Sendo assim, a partir da Reforma Gregoriana, essa suposta “origem nobre” atribuída aos santos deixa de ser pautada, visto que a partir desse momento o ideal dos santos “desce do céu e volta à terra”, tornando eles mais próximos do povo, mais humanos, como um modelo passível de ser imitado e um exemplo a ser seguido. Abre-se, então, um pressuposto para que se possa atingir a perfeição moral e religiosa “fora do mosteiro”. Logo, santos que passaram a vida no pecado podem alcançar a santidade tardiamente. Segundo Dosse isso se deve ao que

---

<sup>61</sup> DE CERTEAU, M. op.cit., .p.267

<sup>62</sup> Ibidem. p.272

<sup>63</sup> DOSSE, F. “A Idade Heróica” In: DOSSE, F. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009, pp. 123-193.

André Vauchez afirma ao notar uma série de inflexões no conteúdo das hagiografias nos séculos XII e XIII<sup>64</sup>, que permitiram uma desconstrução dessa noção de potencialidade na origem, permitindo que se adquira a santidade pela superação da prova e do trágico, aliado a uma ingerência divina.<sup>65</sup>

A partir das considerações desses autores, entendemos que o conceito de hagiografia está embasado, conforme afirma Igor Teixeira, em um: “gênero literário edificante; passado como exemplaridade e singularidade; baseado na vida de um santo.”<sup>66</sup>

## 2.2 Discurso Hagiográfico: a construção do exemplo

As hagiografias têm como objetivo passar uma mensagem ao seu interlocutor. Essa mensagem se manifesta através de um exemplo. Dito isso, acreditamos que a construção desse exemplo é consciente e atende a determinadas demandas sociais. Sendo assim, partimos do pressuposto que as hagiografias são dotadas de um discurso.

Entendemos como discurso hagiográfico os enunciados que estão presentes no texto hagiográfico, levando em consideração a intenção do autor, o contexto e as relações de poder presente no processo de escrita, os processos de significação presentes nos enunciados do texto etc. Pretendemos, então, fazer uma análise desse discurso hagiográfico, considerando principalmente a narrativa e a retórica no processo de escrita dessas obras. Outros aspectos também poderiam ser analisados, como a recepção, circulação e transmissão na sociedade. Porém, como o espaço para um Trabalho de Conclusão de Curso, na graduação, não permite, este pode ser o tema para pesquisas futuras.

Para tal, as reflexões de Andréia Frazão da Silva, em seu texto *Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero*, são importantes para nossa proposta. A autora entende que:

A constituição dos discursos [...] é inseparável do social. Porém, a sua materialização produz-se num determinado tempo e lugar, em meio a relações de forças, sob diversas linguagens, verbais ou não verbais (gestos, sons, imagens etc), e sempre para um outro. Ou seja, os discursos fazem-se presente nas enunciações dos sujeitos (que pode ser um coletivo ou um indivíduo) que se dirigem a um dado receptor.<sup>67</sup>

<sup>64</sup> VAUCHEZ, A. *Saints, profetes et visionnaires, le pouvoir surnaturel au Moyen Âge*. Paris: Albin Michel, 1999, p. 56

<sup>65</sup> DOSSE, F. op.cit., pp.143-144.

<sup>66</sup> TEIXEIRA, I. Literatura, tempo e verdade: o fazer hagiográfico na *Legenda aurea*. *História: Questões & Debates*, n. 59, 2013, pp. 193-216.

<sup>67</sup> FRAZAO, A. C. L. op. cit., pp.2-3

A partir dessa afirmação, buscaremos entender como que a construção desse discurso hagiográfico influenciou sobre a mensagem exemplar das hagiografias e, conseqüentemente, sobre a sociedade cristã. Sendo assim, partiremos do pressuposto que as hagiografias foram utilizadas de forma “panfletária” em determinados momentos da Idade Média, visto que seu elevado grau de difusão fez com que fossem utilizadas para fazer propaganda institucional religiosa, tanto entre os leigos, quanto entre os clérigos.

### 2.2.1 A Narrativa e a Retórica Hagiográfica

A narrativa hagiográfica pretende criar, a partir da memória de um santo, um relato que ajude na conversão e na edificação. Essa narrativa se pauta na exaltação das virtudes do santo e, conseqüentemente, na divulgação e reprodução do exemplo. Sendo assim, o hagiógrafo tem a função de criar uma narrativa que legitime não só a santidade do hagiografado como também seu culto, através de um discurso retórico persuasivo que exaltasse a memória de um santo. Ronaldo Amaral, ao analisar a atuação do hagiógrafo, entende que “O santo que nascerá de sua pena será sempre a reencarnação de um congêneres consagrado pela tradição, mas vestido agora com as roupagens dessa nova sociedade na qual e pela qual revive”<sup>68</sup>. Logo, Amaral nos permite pensar sobre como a representação, e, conseqüentemente, o discurso sobre o santo presente na hagiografia sofre influência do contexto de sua escrita. Assim, entendemos que o santo hagiografado é ressignificado em sua hagiografia, para que o relato de sua vida faça sentido na sociedade em que será inserido.

Outro autor que trabalhou com as hagiografias nesse sentido, Igor Teixeira, ao abordar aspectos sobre a *Legenda Áurea* afirma que:

É importante ressaltar que a construção de uma hagiografia é posterior à vida do personagem. Neste sentido, é, também, a busca por um sentido e por um efeito de verdade, que é obtido a partir do comportamento santo e dos feitos milagrosos, os quais distinguem o mundo que se conta do mundo em que se conta, além, claro, da separação entre aquele sobre o qual se conta e aqueles para os quais se conta.<sup>69</sup>

Ao fazer tal afirmação, Teixeira destaca que a hagiografia é também dotada de um discurso de alteridade. Esse discurso busca distinguir no tempo e no espaço o relato sobre santo no presente do interlocutor. Sendo assim, uma das características da narrativa

---

<sup>68</sup> AMARAL, R.. op.cit., p.106.

<sup>69</sup> TEIXEIRA, I. Literatura, tempo e verdade... op. cit., p.213.

hagiográfica é criar a ideia de que é preciso resgatar um tempo, no caso o tempo do santo, e um modo de vida, a vida cristã.

Entretanto, o que se sobressai na narrativa hagiográfica é a questão da exemplaridade. As hagiografias usam do exemplo como um instrumento retórico de divulgação da fé. Ángeles Garcia de la Borbolla entende que “o instrumento fundamental para o pregador é o *exemplum* mediante o que se oferecia ao auditório uma verdade útil para sua salvação. Estes recursos começaram a ser coletados pelos pregadores com o fim de facilitar a pregação de seus sermões”<sup>70</sup>. Sendo assim, o exemplo presente nas hagiografias ganha um caráter “panfletário”, visto que era um modelo que se reproduzia de forma rápida, auxiliando na mensagem da pregação.

Néri de Barros Almeida, em seu texto *Hagiografia, Propaganda E Memória Histórica. O Monasticismo Na Legenda Aurea De Jacopo De Varazze*<sup>71</sup>, entende que as narrativas hagiográficas foram feitas para durar, fazendo com que a memória sobre um santo perdure. A autora afirma que “o exemplo do santo, em princípio, é adequado a todos os homens, do presente, do passado e do futuro, qualquer que seja sua posição social - incluindo aqueles que ainda não se tornaram cristãos.”<sup>72</sup> Sendo assim, indo ao encontro das afirmações de Borbolla, Almeida afirma que nas hagiografias:

A narrativa de seu exemplo constituía uma arma veemente em favor do arrependimento de grandes e pequenos. O conteúdo da escrita hagiográfica chegava assim ao mais poderoso (geograficamente extenso, organizado e homogêneo) veículo de comunicação do período.<sup>73</sup>

Acreditamos que o diferencial para que a hagiografia atinja tal poderio de comunicação está relacionado à eloquência e persuasão no discurso. As hagiografias normalmente eram estruturadas de forma a adequar em seu texto uma narrativa edificante e que, através das virtudes do santo, criassem um modelo exemplar. Esse modelo deveria convencer o interlocutor a mudar seu comportamento, adequando-se ao modelo.

---

<sup>70</sup> BORBOLLA, A. G. de la. *Algunas consideraciones sobre la predicación medieval a partir de la hagiografía mendicante*. Erebea - Revista de Humanidades y Ciencias Sociales, Huelva, n. 1, 2011. p.75. (tradução livre): “Por otro lado el instrumento fundamental para el predicador es el *exemplum* mediante el que se ofrecía al auditorio una verdad útil para su salvación. Estos recursos comenzarán a ser recogidos por los predicadores con el fin de facilitar la preparación de sus sermones [...]”

<sup>71</sup> ALMEIDA, N. de B. *Hagiografia, Propaganda E Memória Histórica. O Monasticismo na Legenda Aurea de Jacopo de Varazze*. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 7, n. 2, jul.-dez., 2014

<sup>72</sup> Ibidem. p.97.

<sup>73</sup> Ibidem. p.98.

André Miatello, em seu livro *Santos e Pregadores nas cidades medievais italianas: Retórica cívica e hagiografia*<sup>74</sup>, constrói um argumento acerca da retórica hagiográfica, analisando principalmente hagiografias franciscanas. O autor entende que “a hagiografia, desde seus alvares, se nos apresenta antes de tudo como uma arte, no sentido antigo do termo, e como discurso refinado que procura ilustrar a memória de um santo e propô-lo como modelo de conduta.”<sup>75</sup> Entretanto, por mais eloquente que fosse o discurso, o aspecto mais importante, e que garantia a sua eficácia, não era a forma, mas sim o conteúdo. Logo, a retórica hagiográfica não se manifestava na eloquência das palavras utilizadas no discurso, mas sim na força da mensagem. Sendo assim, “A eloquência, pois, era atributo de Deus que o hagiógrafo recebia como dom e a utilizava para a glória e o louvor daquele que a havia doado.”<sup>76</sup> Foi, então, através da persuasão característica do exemplo hagiográfico que as hagiografias se difundiram na sociedade.

Conforme dito anteriormente, as hagiografias tinham um forte caráter popular, não se restringindo apenas às camadas mais altas da sociedade. Almeida, ao afirmar que as hagiografias eram o maior veículo de comunicação do período, nos permite inferir que a Igreja – principalmente o papado e as Ordens religiosas, como as mendicantes – buscaram, através do controle sobre a santidade oficial e das narrativas hagiográficas, disseminar modelos de vida cristã, baseados em seus santos. Conforme afirma Borbolla:

No entanto, estas obras hagiográficas, muitas delas em língua vernácula, não seriam apenas uma espécie de instrumento catequético que contém importantes ensinamentos doutrinários, mas em muitos destes casos, pretendem oferecer modelos de vida cristã como padrão de conduta para os fiéis comuns. No relato o santo se humaniza, tomando como referência à humanidade sagrada do Filho de Deus, e, portanto, se aproxima mais dos homens. Esta *imitatio* irá se acentuando e baixando para um maior número de detalhes a medida que a piedade cristológica vai impregnando a sociedade, uma vez que é encontrada no caso dos santos das novas ordens mendicantes. No entanto, pode-se dizer que esses paralelismos ou concordâncias são mais comuns nas biografias dos membros das novas ordens mendicantes, cujas vidas foram feitas para ser um reflexo do ideal evangélico de pregação.<sup>77</sup>

---

<sup>74</sup> MIATELLO, A. op. cit.

<sup>75</sup> Ibidem. p.31.

<sup>76</sup> Ibidem. p.37.

<sup>77</sup> BORBOLLA, A. G. de la. op. cit., p.81. (tradução livre): “Sin embargo, estas obras hagiográficas muchas de ellas en lengua vulgar, no sólo serían una suerte de instrumento catequético que contienen importantes enseñanzas doctrinales sino que en muchos de estos casos, pretenden ofrecer modelos de vida cristiana como patrones de conducta para el común de los fieles. En el relato el santo se humaniza, tomando como referencia la santísima humanidad del Hijo de Dios, y de este modo se acerca aún más a los hombres. Esta *imitatio* se irá acentuando y descendiendo a un mayor número de detalles a medida que la piedad cristológica vaya impregnando a la sociedad, tal y como se comprueba en el caso de los santos de las nuevas órdenes mendicantes. Sin embargo, se puede decir que estos paralelismos o concordancias son más frecuentes en las biografías de los miembros de las nuevas órdenes mendicantes, cuyas vidas pretendían ser reflejo del ideal evangélico que predicaban.”

Logo, a imitação desses modelos passa a ser uma constante na sociedade da Baixa Idade Média. Conforme afirma Borbolla, o surgimento das ordens mendicantes modifica os padrões de santidade, e conseqüentemente dos exemplos. Esse fator corrobora com o argumento de que os modelos de conduta perpetuados pelas hagiografias foram se alterando conforme os interesses da Igreja.

Se, por um lado, os modelos exemplares presentes nas hagiografias estiveram relacionados com a difusão de modelos de santidade universais, por outro lado, também houve aquelas hagiografias que, na maior parte das vezes, buscaram legitimar modelos de conduta mais restritos. Isso se deu dentro da Ordem dos Pregadores, em que o exemplo presente nas hagiografias escritas sobre Domingos de Gusmão moldaram o “ser dominicano”, conforme veremos a seguir.

### **2.3 Hagiografias dominicanas: Domingos e o “ser dominicano”**

Conforme apresentado no primeiro capítulo deste trabalho, a Ordem dos Pregadores construiu sua identidade institucional ao longo do século XIII. Acreditamos que essa identidade esteve pautada principalmente na figura de Domingos de Gusmão, fundador da Ordem. Esse argumento se baseia principalmente na relação entre a institucionalização da identidade, e, conseqüentemente, de um modo de vida dentro da Ordem, com as representações hagiográficas de São Domingos e o exemplo construído nesses textos. Sendo assim, acreditamos que os dominicanos, ao buscar legitimarem-se como instituição, atribuíram à representação hagiográfica de seu fundador um modelo de conduta que corresponderia ao modelo de frade dominicano que a Ordem desejava ter. Logo entendemos que “ser dominicano” estava diretamente relacionado as hagiografias sobre Domingos.

Carolina Fortes, em sua dissertação, afirma que “A hagiografia pode ser responsável pela elaboração de modelos que dão identidade a um grupo e impedem sua dispersão. A vida de santos também identifica a relação entre grupos.”<sup>78</sup> Sendo assim, se no início do cristianismo as hagiografias buscaram legitimar os mártires como modelos, no século XIII as hagiografias já tendiam a exaltar as virtudes dos santos. E é nesse sentido que acreditamos que as virtudes de Domingos viram o modelo a ser seguido pelos dominicanos.

---

<sup>78</sup> FORTES, C. C. *Os atributos das Santas...* op. cit., p.91

Luigi Canetti, em seu livro *L'Invenzione della Memoria*<sup>79</sup>, constrói um argumento que relaciona diretamente a busca de uma identidade institucional, por parte dos dominicanos, através da afirmação de uma imagem e um discurso sobre a santidade de Domingos, seu fundador. Ao fazer uma análise de fôlego das principais hagiografias escritas sobre Domingos de Gusmão, segundo Fortes, “Canetti vê no repetido esforço de escrita e re-escrita da vida de Domingos, os vestígios da ideia que os frades queriam ter de si mesmos. Em Domingos, portanto, encontra-se a identidade da Ordem dos Pregadores.”<sup>80</sup> Segundo a autora, as conclusões de Canetti podem ser entendidas da seguinte forma:

A imagem de Domingos, que vai se configurando no processo de re-exame histórico-hagiográfico das origens da Ordem, sobretudo com a fundamental contribuição de Jordão, reflete estaticamente a de uma *religio* que soube se atribuir, muito precocemente, uma forte estabilidade de organização institucional e que buscou e projetou na figura histórica do fundador os traços salientes de uma identidade constitucional que ele havia ajudado a delinear de forma perspicaz e em muitos aspectos decisiva, mas que representava objetivamente também o fruto dos sucessivos desdobramentos que a Ordem havia conhecido depois da sua morte em relação a certas solicitações internas. Na imagem do santo fundador, ou em seu processo constitutivo, é possível rastrear o que se distingue no ser dominicano que, muito precocemente, encontrou expressão nas antigas constituições da Ordem.<sup>81</sup>

O que nos fica claro a partir das interpretações de Fortes sobre a obra de Canetti é que a Ordem dos Pregadores atribuiu conscientemente à representação hagiográfica de seu fundador uma narrativa, dotada de um discurso retórico, um modelo de conduta que manifestava o que a Ordem entendia de si e qual identidade ela estava interessada em consolidar. Entretanto, é preciso fazer algumas ressalvas.

Entendemos aqui que o discurso hagiográfico é uma construção que busca moldar a imagem e representação de um santo conforme os interesses em voga. Ao relacionarmos a construção do modelo de “ser dominicano” com o argumento de Carolina Fortes sobre a preponderância dos estudos na institucionalização da identidade da Ordem, entendemos que as hagiografias sobre Domingos deveriam buscar dar destaque aos estudos na vida do santo, de forma que eles fizessem parte do modelo de conduta expresso nessas obras. Isso porque entendemos que essas hagiografias sobre Domingos tinham um público alvo mais específico: os próprios dominicanos.

Porém, essas representações tendiam a não interpretar as vontades do santo enquanto vivo. Anthony Lappin argumenta que os frades dominicanos ao longo do século XIII tomaram

---

<sup>79</sup> CANETTI, L. op. cit.

<sup>80</sup> CANETTI, L. op. cit. apud: FORTES, C. C. *Societas studii...* op. cit., p.109.

<sup>81</sup> Ibidem. p.111.

medidas que iriam contra os preceitos de Domingos em vida. Um exemplo disso seria as contradições entre o ideal de pobreza e os estudos:

No entanto, os pregadores bolonheses foram aumentando a altura dos tetos de suas celas, não construindo uma extensão para aumentar o seu tamanho; e para que poderia ser essa melhoria, além de aumentar a luz disponível para a leitura? Aqui pobreza entra em conflito com o estudo: para Domingos, a pobreza deve vencer; para os dominicanos, o estudo era o importante. Em ambos pobreza e estudo, os irmãos preferiram outras ênfases para a de Domingos.<sup>82</sup>

Sendo assim, as medidas tomadas pelos frades voltadas ao melhor aproveitamento dos estudos, segundo Lappin, não eram compatíveis com aquilo que Domingos desejava em vida. Logo, era preciso atribuir ao santo características semelhantes ao modo de vida que a Ordem desejava institucionalizar, de forma a legitimar esse comportamento. Só através da compatibilidade entre a narrativa hagiográfica sobre Domingos e as práticas efetivas da Ordem que os frades pregadores teriam seu modelo de conduta legitimado por/como uma vida santa. Sendo assim Néri de Barros Almeida afirma que “Propondo como modelo de santidade algo muito próximo a seu próprio modo de vida, podiam se defender das críticas de cupidez e mundanismo associadas às funções seculares integradas a sua identidade.”<sup>83</sup>

Miatello afirma que as hagiografias serviram a causas cristãs específicas. O autor destaca o fato de algumas hagiografias terem sido utilizadas como um “panfleto pró-vida monástica”.<sup>84</sup> Nesse sentido, entendemos que as hagiografias escritas por mendicantes, e especificamente escritas sobre Domingos de Gusmão no século XIII, também tiveram esse caráter panfletário. Porém, acreditamos que esses textos buscaram a legitimação do modo de vida dominicano, baseado nos estudos, dentro da cristandade.

Logo, nos fica muito claro que esse modelo de “ser dominicano” enraizado na representação hagiográfica de Domingos de Gusmão teve como principais pilares a pregação e o estudo. Sendo assim, passaremos a analisar esses dois fatores nas hagiografias de Domingos.

---

<sup>82</sup> LAPPIN, A. op. cit., pp.51-52. (tradução livre): “Yet the Bolognese preachers were raising the ceilings of their cells, not building an extension to augment their size; and what could such home improvement be for, other than to increase the light available for reading? Here poverty conflicted with study: for Dominic, poverty should win out; for the Dominicans, study was the important thing. In both poverty and study, the brethren preferred other emphases to Dominic’s own.”

<sup>83</sup> ALMEIDA, N. de B. op. cit., p.105.

<sup>84</sup> MIATELLO, A. op. cit., p.38.

### **CAPÍTULO 3 – ANÁLISE COMPARADA: OS ESTUDOS E A PREGAÇÃO NAS HAGIOGRAFIAS SOBRE DOMINGOS DE GUSMÃO**

Vimos anteriormente que as hagiografias escritas sobre Domingos de Gusmão expressavam um modelo de conduta da vida cristã. Esses textos também tinham como objetivo ser um modelo para os frades da Ordem dos Pregadores. Sendo assim, argumentamos que esse modelo era maleável, sofrendo influência dos interesses da Ordem em voga no processo de escrita dessas obras. Mas afinal, como esse jogo de interesses se expressava nessas hagiografias?

Carolina Fortes, em sua tese<sup>85</sup>, embora utilize um *corpus* documental significativo, não considera as hagiografias em suas análises. Nosso intuito, a partir de agora, é explorar essa documentação, fazendo uma análise de três hagiografias produzidas por frades dominicanos sobre seu fundador, de modo a apontar algumas evidências que nos permitam identificar essa relação entre o “ser dominicano” e a identidade da Ordem. Para tanto, trabalhamos com duas categorias: os estudos e a pregação. Porém, como aparecem nas hagiografias?

Acreditamos que essas duas características foram primordiais para os dominicanos durante o século XIII. Sendo assim, considerando que o modelo “dominicano” se expressa nessas obras, partimos do pressuposto de que estudo e pregação são partes importantes e constituintes dessas narrativas hagiográficas sem, necessariamente, um aspecto sobrepor o outro. Entretanto, é preciso levar em consideração que, na medida em que os estudos são um fator importante na definição da identidade institucional dominicana, eles são, principalmente, um diferenciador da Ordem dos Pregadores em relação às demais ordens mendicantes e não necessariamente a principal característica da Ordem. Logo, as narrativas hagiografias mendicantes, de forma geral, buscam edificar as virtudes dos santos e, principalmente, suas funções como pregadores. Isso resultará em um maior número de passagens em que a pregação é enfatizada nessas hagiografias comparada com os estudos. Porém, isso não quer necessariamente dizer que uma maior ocorrência de um desses aspectos indique que ele seja mais ou menos importante que o outro. A retórica inerente ao fazer hagiográfico nos permite afirmar que o importante é a mensagem final dado pelo conjunto da obra, tendo em vista a qualidade do discurso apresentado, e não meramente um fator quantitativo.

---

<sup>85</sup> FORTES, C. C. *Societas studii...* op. cit.

Dito isso, analizaremos três hagiografias: a *Leyena de Santo Domingo*, escrita por Pedro Ferrando<sup>86</sup>; a também intitulada *Leyena de Santo Domingo*, escrita por Constantino de Orvieto<sup>87</sup>; e o capítulo destinado a São Domingos na *Legenda Áurea* de Jacopo de Varazze<sup>88</sup>.

Pedro Ferrando, frade pregador oriundo da Galícia, escreveu a *Leyena de Santo Domingo* possivelmente entre 1235 e 1239. Suspeita-se que tenha sido escrita primeiramente em castelhano, antes da publicação mais conhecida, escrita em latim. Ela é considerada a primeira hagiografia sobre Domingos de Gusmão, se levarmos em consideração que o *Libellus de principii ordinis praedicatorum*<sup>89</sup>, de Jordão da Saxônia, anterior e contendo algumas características semelhantes a uma hagiografia, não era propriamente dita uma hagiografia, e não tinha como objetivo apenas falar sobre Domingos de Gusmão, mas sim da Ordem dos Pregadores como um todo. Entretanto, é importante salientar que a obra de Jordão foi utilizada como fonte de informação para Pedro Ferrando para a escrita da *Leyenda*.

Esta *Leyenda* é dividida em 65 capítulos e possui 13 capítulos originais, ou seja, capítulos que possuem informações que não estão presentes no *Libellus*. Destes 65 capítulos, apuramos que pelo menos 13 deles apresentam considerações ou relatos sobre pregação, sendo que outros 5 também trazem algum tipo de relato sobre os estudos na vida de Domingos. Vale salientar que dos 13 capítulos originais, nenhum deles trata dos estudos na vida de Domingos.

Constantino de Orvieto, frade pregador oriundo possivelmente de Siena, por sua vez, escreveu a segunda legenda de Domingos de Gusmão. Acredita-se que tenha escrito a pedido do então mestre-geral da Ordem dos Pregadores, João, o Teutônico. Sua *Leyenda* foi escrita entre 1246-1247 e obteve aprovação para utilização na oração coral nos Capítulos Gerais da ordem em 1248. Valeu-se como fontes de informação a *Leyenda*, de Pedro Ferrando, da qual substituiu, e o *Libellus* de Jordão da Saxônia, além de relatos de milagres cedidos a ele pelo Mestre Geral da Ordem.

Esta hagiografia é dividida em 76 capítulos, sendo que 47 deles são “novidades” em relação às informações contidas nas obras de Pedro Ferrando e Jordão da Saxônia. Ela apresenta pelo menos 18 capítulos com relatos sobre pregação e 6 capítulos que apresentam considerações sobre os estudos na vida de Domingos. Com passagens mais curta e objetivas, a

---

<sup>86</sup> PEDRO FERRANDO. op. cit.

<sup>87</sup> CONSTANTINO DE ORVIETO. op. cit.

<sup>88</sup> JACOPO DE VARAZZE. op. cit.

<sup>89</sup> JORDÁN DE SAJONIA. *Orígenes de la orden de predicadores*. Apud: Santo Domingo De Guzmán Visto Por Sus Contemporáneos. Esquema biográfico, introducciones, versión y notas de los Padres Fr. Miguel Gelabert, O.P., Fr. José María Milagro, O.P.. Introducción General por el Padre Fr. José María de Garganta, O.P. Madrid: BAC, MCMXLVII.

hagiografia escrita por Constantino de Orvieto é nitidamente mais eloquente que a de Pedro Ferrando.

Jacopo de Varazze escreveu a *Legenda Áurea*, na qual consta o capítulo destinado à vida de São Domingos, aproximadamente entre 1260 e 1298. Diferentemente das outras hagiografias, ela não é dividida em capítulos, sendo uma narrativa contínua do início ao fim. Porém, podemos afirmar que os assuntos mais evocados ao longo dessa obra se referem à pregação, às virtudes e aos milagres de Domingos, tendo os estudos pouca ocorrência ao longo do texto. Sua similaridade com as hagiografias escritas por Pedro Ferrando e Constantino de Orvieto são notórias, tendo pouquíssimas passagens que apresentam alguma novidade em relação às demais.

De maneira geral, o que podemos ver é que todas essas obras compartilham de uma “espinha dorsal”. Isso quer dizer que grande parte dos relatos presentes nessas obras se repete nas demais. Mesmo a hagiografia escrita por Constantino de Orvieto, que apresenta mais da metade de seus capítulos como sendo originais, está embasada em uma narrativa sobre a vida de Domingos de Gusmão, que também se reproduz nas outras hagiografias. Essa narrativa se inicia com o presságio de nascimento de Domingos e termina em seu leito de morte. Feita essa introdução sobre as obras e nossos objetivos, passemos a análise delas. Começaremos pelos estudos.

### 3.1 Os Estudos

Nas três obras os estudos estão principalmente relacionados a dois fatores: a vida de Domingos antes de sua atuação religiosa, e seu período de estudos em Palência. É ponto comum entre essas obras que Domingos foi enviado para Palência para estudar, porém, já nesse primeiro aspecto cada uma delas dará ênfases diferentes para esse período.

Pedro Ferrando inicia seu relato afirmando que Domingos foi mandado a Palência para “adquirir o conhecimento das artes liberais”<sup>90</sup> ainda criança, sem mencionar nenhuma etapa de estudos anteriores a essa. Constantino de Orvieto, por sua vez, destaca que a formação religiosa de Domingos iniciou com ele ainda muito pequeno com seus pais, sendo consagrado para instruir-se nos ofícios eclesiásticos. Sendo assim, o hagiógrafo destaca que Domingos

---

<sup>90</sup> PEDRO FERRANDO. op. cit., p.338 (tradução livre): “adquiriese el conocimiento de las artes liberales”.

“sentado sobre essa base firme, avançando em espírito não menos do que a idade, a cada dia dava um passo certo em direção à fortaleza de virtude.”<sup>91</sup>

Ambos autores entram em consenso quanto as próximas etapas dos estudos de Domingos. Após estar devidamente instruído nas artes liberais, Domingos passou a se dedicar ao estudo da Teologia. A respeito disso Pedro Ferrando relata que:

...deu-se inteiramente ao estudo da teologia e começou fervorosamente codificar as palavras divinas. [...] Por quatro anos andou em estudo tão saudável, e tão diligentemente e com tanta vontade de aprender se entregava ao estudo das letras sagradas que passava sem dormir quase todas as noites.<sup>92</sup>

Constantino de Orvieto descreve tal episódio de forma muito semelhante em sua hagiografia. Aqui já podemos identificar um artifício da narrativa utilizado pelos hagiógrafos para dar ênfase a importância do estudo de Teologia por Domingos. A ênfase dada aos “quatro anos” em que Domingos se dedicou arduamente ao estudo das palavras divinas é importantíssima para destacar o quão aprofundado tal estudo deveria ser. Sendo assim, acreditamos que esse seja a primeira mensagem passada aos dominicanos através das hagiografias de Domingos.

Muito semelhante a esse aspecto, a questão da abstinência do vinho também é enfatizada por Pedro e Constantino. Conforme afirma Constantino, Domingos “para transportar mais plenamente seu espírito para a sabedoria, pensou abster-se do vinho. Pensou, digo, e realizou, pois não provou vinho em dez anos.”<sup>93</sup> Aqui, assim como ao relatar o estudo da Teologia, o hagiógrafo usa um recurso retórico, a ênfase no tempo de duração de tal prática, de forma a dar maior eloquência ao seu argumento. Parece-nos, então, que tanto Pedro Ferrando quanto Constantino de Orvieto usam dessas duas passagens como uma forma de garantir que os frades pregadores se doem ao máximo aos seus estudos em Teologia, se privando do que for preciso para ter o melhor aproveitamento possível.

Entretanto, o que nos chama atenção é que Jacopo de Varazze apenas se atem a abstinência do vinho em sua hagiografia, comentando brevemente em uma frase que Domingos teria ido estudar em Palência e “por amor a sabedoria” se absteve do vinho por dez

<sup>91</sup> CONSTANTINO DE ORVIETO. op. cit., p.396 (tradução livre): “asentado sobre aquel firme fundamento, adelantando en espíritu no menos que en edad, daba cada día un paso certero hacia el alcázar de la virtud.”

<sup>92</sup> PEDRO FERRANDO. op. cit., p.339 (tradução livre): “...se dió enteramente al estudio de la Teología y comenzó a codificar ardientemente las divinas palabras. [...] Durante cuatro años anduvo desvelado en estudio tan saludable, y con tanta diligencia y con tal ansia de aprender se entregaba al estudio de las sagradas letras que pasaba insomne casi todas las noches.”

<sup>93</sup> Ibidem. p.397 (tradução livre): “para transportar más plenamente su espíritu a la sabiduría, pensó abstenerse del vino. Lo pensó, digo, y lo realizó, pues no gustó vino en diez años.”

anos. Causa estranheza a disparidade entre as hagiografias quanto a esse assunto. Se por um lado Pedro Ferrando escreve uma passagem relativamente grande sobre os estudos de Domingos em Palência, a frase de Jacopo de Varazze acaba por ficar sem sentido em meio ao texto.

Um terceiro aspecto ainda vale ser ressaltado quanto à presença dos estudos nessas hagiografias: a referência à leitura do livro de colações dos Pais da Igreja. Esse relato está devidamente apresentado nas três hagiografias, ganhando bastante ênfase em todas, conforme podemos ver nesse trecho da hagiografia escrita por Jacopo de Varazze:

De dia e de noite ele se consagrava à leitura e a oração, pedindo assiduamente a Deus que o fizesse digno de nele infundir sua graça para que pudesse um dia vir a consagrar à salvação do próximo. Ele estudou bastante o livro de colações dos Pais da Igreja, que o ajudou a atingir o ponto mais alto da perfeição.<sup>94</sup>

Essa passagem se reproduz de forma muito semelhante nas outras hagiografias. Sendo assim, é preciso destacar sua importância, pois acreditamos que ela estabelece uma relação direta entre estudo e pregação. Conforme já afirmamos aqui anteriormente, entendemos que os estudos eram um meio para um fim, que seria a pregação. Logo, a notória ênfase que os hagiógrafos dão a esse relato em suas obras indica que existia uma preocupação de legitimar os estudos como fator primordial na formação dos frades pregadores. Acreditamos que o exemplo contido nessa passagem evidencia a relação entre o modelo de “ser dominicano” presente nas hagiografias de Domingos, e os intentos da Ordem no decorrer do processo de institucionalização de sua identidade. Ao indicarem que através do estudo se poderia chegar a perfeição se torna mais um exemplo de como os hagiógrafos tentam construir um discurso persuasivo através das hagiografias.

Se na hagiografia de Pedro Ferrando o maior caráter cronológico acaba por situar os estudos temporalmente na vida de Domingos, já na obra de Constantino de Orvieto os estudos são representados como base para a pregação. Sendo assim, não se vê simplesmente um intuito de mostrar cronologicamente que Domingos teve sua formação teológica antes de começar a pregar, mas sim de buscar relacionar estudos e pregação como partes constituintes desse processo. Logo, o estudo precisa vir antes para dar subsídios suficientes ao pregador.

Porém, na *Legenda Áurea*, os estudos perdem espaço. Notoriamente mais curto, o relato escrito por Jacopo de Varazze cria uma narrativa cronológica, desencadeando os fatos

---

<sup>94</sup> JACOPO DE VARAZZE. op. cit., p.615

mais relevantes da vida de Domingos. Assim, o entendimento da função dos estudos na vida dominicana fica um tanto quanto prejudicado.

Entendemos que, mesmo havendo diferenças nas formas como as narrativas hagiografias abordam o tema dos estudos, a busca pela legitimação de um processo de preparação do pregador, através do estudo da Teologia, fica clara. Sendo assim, passaremos agora a analisar a pregação nas hagiografias sobre Domingos.

### 3.2 A Pregação

A pregação, diferentemente dos estudos, é um assunto muito mais presente no texto hagiográfico mendicante. Nas obras selecionadas sobre Domingos não seria diferente. Por um breve momento o entendimento do nome da instituição parece trabalhar a favor da pregação na difusão dessa ideia. Sendo assim, selecionamos algumas passagens, dentre as hagiografias selecionadas, que acreditamos melhor ilustrar nosso argumento.

Segundo Igor Teixeira, “Pregar era, de fato, definir os contornos da verdadeira religião diante da heresia e da superstição, e propor (até mesmo impor) um modelo de cristianismo, uma visão do mundo cujos componentes políticos, sociais e religiosos encontravam-se estreitamente entrelaçados.”<sup>95</sup> Essa concepção de pregação está muito presente ao longo das hagiografias. São inúmeras as passagens em que Domingos, através das palavras, ações e da oração, convence aqueles que estão lhe ouvindo a largarem a vida herética e pecadora e seguir o modelo de vida cristã por ele pregado. Sendo assim, não é incomum, ao fim dos relatos, que aqueles para quem Domingos pregava se converterem e desejarem o hábito da Ordem dos Pregadores.

Um primeiro aspecto que nos chama atenção, ao falarmos sobre a pregação na vida de Domingos, diz respeito ao presságio de seu nascimento revelado a sua mãe através de um sonho. Podemos ver tal relato conforme a passagem de Pedro Ferrando: “Sua mãe, antes de o conceber, sonhou que levava em seu seio um cachorro, que, por sua vez, era portador de uma tocha incendiada, com a que, ao sair do ventre, parecia inflamar todo o mundo. Com o qual se significava que dela nasceria um egrégio predicador”.<sup>96</sup>

---

<sup>95</sup> TEIXEIRA, I. S. A encruzilhada das ideias: aproximações entre a *Legenda aurea* (Jacopo da Varazze) e a *Suma teológica* (Tomás de Aquino). Dissertação de Mestrado, IFCH/UFRGS, 2007. p. 47.

<sup>96</sup> PEDRO FERRANDO. op. cit., p.337 (tradução livre): “Su madre, antes de concebirlo, soñó que llevaba en su seno un cachorro, que, a su vez, era portador de una antorcha encendida, con la que, al salir del vientre, parecía inflamar todo el mundo. Con lo cual se significaba que de ella nascería un egregio predicador”.

As referências a essa passagem tendem a entender que o cachorro simboliza seu destino como pregador, e que ao incendiar o mundo estaria representando a forma como a palavra divina iria acabar com as heresias. Sendo assim, esse relato presente nas hagiografias nos parece um tanto quanto anedótico. Entretanto, ele é bastante consciente ao atribuir a Domingos uma predestinação vinda de berço. Podemos pensar que esta predestinação tem como função destacar que o modelo de vida santa deveria ser buscado desde cedo, porém isso não nos fica muito claro. O que fica claro, porém, é que de Pedro Ferrando até Jacopo de Varazze, o presságio vivenciado por sua mãe é o fator inicial da narrativa da vida santa de Domingos.

Outro fator que merece destaque aqui é a presença do bispo Diego de Osma nos primeiros relatos sobre pregação relacionados a Domingos. Em diferentes momentos os três hagiógrafos lançam mão de relatos onde a figura do bispo Diego está presente. Pedro Ferrando irá destacar a “iniciação” de Domingos como frade pregadores através de uma missão liderada por Diego. O hagiógrafo relata:

E assim, os que haviam vindo a pregar a fé aprenderam, não tanto pelas palavras como pelo exemplo do bispo Diego [...]. E deixando em seu lugar todas as coisas temporais, abraçou cada um a pobreza evangélica e começaram a caminhar a pé e a pregar valentemente, com palavras e obras, a fé de Cristo, levando a frente da empresa, como chefe de todos, o bispo Diego.<sup>97</sup>

O bispo Diego seria, então, um mentor de Domingos nas práticas da pregação, sendo que a passagem acima provavelmente está relacionada com a *Praedicatio*. A essa passagem ainda se soma outro relato, conforme escreve Constantino de Orvieto:

...ocorreu que Diego, o bispo de Osma, [...] devia dirigir-se as Marcas para concertar um enlace matrimonial entre um filho do rei e uma nobre donzela. Havendo, pois, reunido uma comitiva para o caso, tomou consigo, não sem inspiração divina, para consolo da santa conversação e ornamento de seu cortejo religioso, o servo de Deus Domingos. Empreendida a viagem, quando chegaram a Tolosa, na mesma noite em que receberam hospedagem se deu conta de que o hospedeiro estava infectado de heresia, a qual, argumentando com bondosa e persuasiva razão, o converteu de novo na fé.<sup>98</sup>

<sup>97</sup> Ibidem. p.337 (tradução livre): “Su madre, antes de concebirlo, soñó que llevaba en su seno un cachorro, que, a su vez, era portador de una antorcha encendida, con la que, al salir del vientre, parecía inflamar todo el mundo. Con lo cual se significaba que de ella nacería un egregio predicador”.

<sup>98</sup> CONSTANTINO DE ORVIETO. op. cit., p.399 (tradução livre): “...ocurrió que Diego, el obispo de Osma [...] debía dirigirse a las Marcas para concertar un enlace matrimonial entre un hijo del rey y una noble doncella. Habiendo, pues, reunido una comitiva para el caso, tomó consigo, no sin inspiración divina, para consuelo de santa conversación y ornamento de su religioso cortejo, al siervo de Dios Domingos. Emprendido el viaje, cuando llegaron a Tolosa, la misma noche que recibieron hospedaje se dio cuenta de que el hostelero estaba infectado de herejía, al cual, arguyéndole con bondosas y persuasivas razones, les convirtió de nuevo a la fe”.

Assim como Constantino de Orvieto, Jacopo de Varazze dá ênfase a esse relato. O hagiógrafo ainda acrescenta que a atuação conjunta de Domingos e Diego seria “o primeiro feixe da futura colheita”<sup>99</sup> que viria ao longo da vida de Domingos como pregador a serviço de Deus.

As seguidas referências ao bispo Diego foram alvo de discussão na historiografia. Anthony Lappin, por sua vez, percebe que há uma supervalorização das ações de Diego sobre as ações de Domingos, em suas primeiras atuações com pregador. Sendo assim, o autor afirma:

Vez em Osma, ele acendeu rapidamente para se tornar sacristão, então, subprior, e, como vimos, envolveu-se sob o agora Bispo Diego com a *Predicatio* no Midi; mas, mesmo em seu mais antigo registro hagiográfico, ele está sempre ofuscado pelo seu bispo. No Midi, Domingos esteve essencialmente cumprindo os mandamentos de seu bispo.<sup>100</sup>

Entretanto, Lappin concorda que essa presença da figura do Bispo Diego de Osma nas hagiografias se devesse a influência que ele possuía sobre o pensamento de Domingos, por ter sido seu mentor em suas primeiras atividades como pregador. Logo, o autor afirma que:

Jordan não estava errado em começar seu *Libellus* com uma evocação do homem santo que vivia em Espanha: Diego; desde o *Libellus* é essencialmente um relato de como a Ordem dos Pregadores veio a ser e não um *Vita* hagiográfica de Domingos. Para o que Domingos fez foi mexer com o modelo legado a ele por seu ex-bispo. Pregação - a preocupação ventral - foi feito na humildade e pobreza. A vida foi vivida como era suposto que tivesse sido pelos apóstolos. A mendicância foi realizada como parte de como os pregadores marcaram presença, bem como garantir a sua humildade.<sup>101</sup>

Concordamos com Lappin quanto a essa questão. O autor destaca que o bispo Diego teve influência sobre Domingos, principalmente no que tange a busca pela vida apostólica. Acreditamos que esteja aí o principal fator que justifica a presença de Diego nas hagiografias de Domingos. O ideal de vida apostólico é um dos principais aspectos da atuação mendicante.

---

<sup>99</sup> JACOPO DE VARAZZE. op. cit., p.615

<sup>100</sup> LAPPIN, A. op. cit., pp.40-41. (tradução livre): “Once in Osma, he rose quickly to become sacristan, then, subprior, and, as we have seen, became involved under the now-Bishop Diego with the *Predicatio* in the Midi; but, even in his own early hagiographical record, he is always overshadowed by his bishop. In the Midi, Dominic was essentially fulfilling his bishop’s commands.”

<sup>101</sup> LAPPIN, A. op. cit., p.57. (tradução livre): “Jordan was not wrong to begin his *Libellus* with an evocation of the saintly man who lived in Spain: Diego; since the *Libellus* is essentially an account of how the Order of Preachers came to be—and not a hagiographical *Vita* of Dominic. For what Dominic did was to tinker with the model bequeathed to him by his former bishop. Preaching—the central concern—was done in humility and poverty. Life was lived as it was supposed it had been by the apostles. Begging was undertaken as part of how the preachers marked their presence, as well as guaranteeing their humility.”

Logo, a ênfase desse modelo de vida nessas hagiografias se justifica. Aparentemente existe uma demanda dominicana para que o exemplo de Domingos perpetuasse a imitação dos apóstolos como parte integrante do modelo de “ser dominicano”.

As referências que se seguem a esses relatos acabam por salientar que após a morte do bispo Diego, Domingos assumiu seu papel como líder da pregação. As três hagiografias irão ressaltar os relatos sobre a criação da Ordem dos Pregadores, destacando seu intuito de pregar a fé no mundo, bem como da dispersão dos frades pregadores em suas missões de pregação. As demais referências tendem a destacar relatos sobre a conversão de hereges e batalhas da fé em que as palavras de Domingos se sobressaem sobre as dos hereges.

Por fim, o que nos fica evidente é que não era preciso aos hagiógrafos criar narrativas sobre a pregação que buscassem legitimar essa prática entre os dominicanos. Entendemos que esse já era um assunto bem resolvido entre os pregadores. Sendo assim, a ênfase dada à pregação nas hagiografias de Domingos estaria muito mais relacionadas com a legitimação da história da Ordem através da figura de seu fundador, do que propriamente a legitimação de uma prática já há muito consolidada entre eles.

## CONCLUSÃO – Era Domingos um Dominicano?

Após as considerações e análises feitas da documentação acreditamos ser possível responder a pergunta que dá título a esse trabalho: Afinal, era Domingos um dominicano? Entendemos que não. Domingos não era um dominicano conforme o modelo de “ser dominicano” que se consolidou ao longo do século XIII, principalmente a partir das Constituições da Ordem e após sua morte. Por outro lado, acreditamos que a representação hagiográfica de Domingos sim, era dominicana.

Conforme argumentamos, esse modelo de “ser dominicano” esteve diretamente relacionado com os interesses da Ordem, mudando com o passar do tempo. A busca pela institucionalização da identidade dominicana fora, por um longo período do século XIII, uma das principais preocupações da Ordem. Sendo assim, a busca pela legitimação de um modelo de conduta particular aos dominicanos, que os diferenciasse dos demais mendicantes, se manifestou na construção dos discursos e narrativas das hagiografias sobre Domingos e foram diretamente influenciadas pelos seus contextos de escrita.

Logo, os exemplos de Domingos estariam a serviço desse processo identitário. Era preciso, então, criar nas hagiografias sobre o fundador da Ordem dos Pregadores uma série de discursos retóricos que fossem eloquentes o suficiente para não só converter os hereges, como para convencer aos próprios fiéis, dentre eles os frades dominicanos, de um modelo de vida santa a ser seguido, embasado tanto nos estudos, quanto na pregação.

Entretanto, é importante destacar que, enquanto as hagiografias escritas por Pedro Ferrando e Constantino de Orvieto estavam diretamente relacionadas com os intentos da Ordem de passar uma mensagem a seus frades, a *Legenda Áurea* estava mais relacionada com a vulgarização/divulgação da doutrina, mais dirigida aos fiéis do que aos clérigos. Logo, ela não era, em sua essência, uma hagiografia destinada aos dominicanos, conforme as outras.<sup>102</sup> Isso evidencia o porquê de esta hagiografia não apresentar grandes contribuições para a institucionalização da identidade da Ordem, visto que pouco aborda a questão dos estudos.

É preciso deixar claro também que concordamos com Carolina Fortes ao afirmar que a identidade da Ordem dos Pregadores se manifestava nos estudos. Conforme a autora afirma, era preciso “estudar para pregar sim, mas estudar também para se auto-afirmar como Ordem

---

<sup>102</sup> TEIXEIRA, I. S. A encruzilhada das ideias... op. cit., p.45.

em si e diferenciada das demais instituições eclesiásticas”.<sup>103</sup> Sendo assim, para a Ordem estudo e pregação andavam de forma conjunta, um complementava o outro.

Queremos deixar claro que entendemos os estudos como uma característica não só de identidade, mas também de diferenciação. Logo o nome de Ordem dos Pregadores, a nosso ver, continua sendo correto, visto que a pregação ainda era um objetivo fim da Ordem. Os estudos, por sua vez, se destacam como elemento primordial no cotidiano dos frades pregadores, bem como para o entendimento da identidade dominicana.

Por fim, se por um lado as hagiografias falam menos dos estudos do que da pregação, nos parece que, no intuito de exemplaridade, as passagens sobre os estudos são mais “enfáticas”, atribuindo diretamente as vontades de Domingos em se dedicar a eles, diferentemente de quando falam sobre a pregação, em que a figura de Diego de Osma ganha notoriamente maior destaque. Logo, podemos afirmar que as hagiografias sobre Domingos de Gusmão tiveram papel importante no processo de institucionalização da identidade da Ordem dos Pregadores. Sendo assim, os exemplos de Domingos foram um forte elemento para dar coesão interna aos frades dominicanos.

---

<sup>103</sup> FORTES, C. C. *Societas studii...* op. cit., p.127.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES:

- CONSTANTINO DE ORVIETO. *Leyenda de Santo Domingo*. Apud: Santo Domingo De Guzmán Visto Por Sus Contemporáneos. Esquema biográfico, introducciones, versión y notas de los Padres Fr. Miguel Gelabert, O.P., Fr. José María Milagro, O.P. Introducción General por el Padre Fr. José María de Garganta, O.P. Madrid: BAC, MCMXLVII. pp. 383-450.
- GERARDO DE FRACHET. *Vitae Fratrum Ordinis Praedicatorum*. Apud: Santo Domingo De Guzmán Visto Por Sus Contemporáneos. Esquema biográfico, introducciones, versión y notas de los Padres Fr. Miguel Gelabert, O.P., Fr. José María Milagro, O.P.. Introducción General por el Padre Fr. José María de Garganta, O.P. Madrid: BAC, MCMXLVII.
- JACOPO DE VARAZZE. “São Domingos. In: JACOPO DE VARAZZE. *Legenda Áurea: Vidas de Santos*. Coordenação de Tradução: Hilário Franco Júnior. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- JORDÁN DE SAJONIA. *Orígenes de la orden de predicadores*. Apud: Santo Domingo De Guzmán Visto Por Sus Contemporáneos. Esquema biográfico, introducciones, versión y notas de los Padres Fr. Miguel Gelabert, O.P., Fr. José María Milagro, O.P.. Introducción General por el Padre Fr. José María de Garganta, O.P. Madrid: BAC, MCMXLVII.
- LATERANENSE IV. Vitoria, Espanha: ESET, 1972.
- PEDRO FERRANDO. *Leyenda de Santo Domingo*. Apud: Santo Domingo De Guzmán Visto Por Sus Contemporáneos. Esquema biográfico, introducciones, versión y notas de los Padres Fr. Miguel Gelabert, O.P., Fr. José María Milagro, O.P. Introducción General por el Padre Fr. José María de Garganta, O.P. Madrid: BAC, MCMXLVII. pp. 325-382.

### BIBLIOGRAFIA CITADA:

- ALMEIDA, N. de B. *Hagiografia, Propaganda E Memória Histórica. O Monasticismo na Legenda Aurea de Jacopo de Varazze*. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 7, n. 2, jul.-dez., 2014
- AMARAL, Ronaldo. *Santos imaginários, santos reais: a literatura hagiográfica como fonte histórica*. São Paulo: Intermeios, 2013.
- BARROS, José D’Assunção. *História Comparada*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BORBOLLA, A. G. de la. *Algunas consideraciones sobre la predicación medieval a partir de la hagiografía mendicante*. Erebea - Revista de Humanidades y Ciencias Sociales, Huelva, n. 1, 2011.
- BOUREAU, Alain. No coração da Idade Média: os dominicanos e a maestria narrativa. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, 4-1, 2010, pp. 141-168.
- CANETTI, L. *L’Invenzione della memória: il culto e l’immagine di Domenico nella storia dei primi frati Predicatori*. Spoleto: Centro italiano di Studi Sull’Alto Medioevo, 1996.
- DE CERTEAU, Michel. Uma Variante: A Edificação Hagiográfica. In: DE CERTEAU, M. A *Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. pp. 266-278.
- DELEHAYE, H. *Les legends hagiographiques*. Bruxelas: Société des Bollandistes, 1973.
- DOSSE, François. “A Idade Heróica” In: DOSSE, F. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009, pp. 123-193.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. (Coordenação da trad.) Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001

- FORTES, C. C. *Os atributos das Santas na Legenda Áurea: os casos de Maria e Madalena*. Dissertação (Mestrado), 269 f. UFF/IFCS, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Societas studii: a construção da identidade institucional e os estudos entre os frades pregadores no século XIII*. Tese (Doutorado), 370 f. UFF/ICHF, 2011.
- FRAZAO, A. C. L. *Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero*. *Cronos: Revista de História*, Pedro Leopoldo, n. 6, 2002.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 7 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. (Leituras Filosóficas).
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- LAPPIN, A. J. From Osma to Bologna, from Canons to Friars, from the Preaching to the Preachers: the Dominican Path Towards Mendicancy In: PRUDLO, D. (Ed.). *The origin, development, and refinement of medieval religious mendicancies*. Boston: Brill, 2011.
- LITTLE, L. K. “Monges e Religiosos”. In: LE GOFF, J. & Schmitt, J.-C. (coords.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2006.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.
- MIATELLO, A. Santos e pregadores nas cidades medievais italianas: retórica cívica e hagiografia. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013
- OLIVEIRA, T. *Ensino e debate na Universidade Parisiense do século XIII: Tomás de Aquino e Boaventura de Bagnoregio (Textos)*. Maringá: Eduem, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Os mendicantes e o ensino na universidade medieval: Boaventura e Tomás de Aquino*. ANPUH – XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – São Leopoldo, 2007, p.2.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F. HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso – introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp. Pp 61 – 161, 1990.
- PRUDLO, Donald. *The Friars Preachers: The First Hundred Years of the Dominican Order*. In: *History Compass* 8/11, 2010
- TEIXEIRA, I. S. A encruzilhada das ideias: aproximações entre a *Legenda aurea* (Jacopo da Varazze) e a *Suma teológica* (Tomás de Aquino). Dissertação de Mestrado, 166 f. IFCH/UFRGS, 2007
- \_\_\_\_\_. Literatura, tempo e verdade: o fazer hagiográfico na *Legenda aurea*. *História: Questões & Debates*, n. 59, 2013, pp. 193-216.
- \_\_\_\_\_. Os estudos na literatura hagiográfica dominicana: Domingos, Pedro e Tomás. In: CRUXEN, E. B.; MATTOS, C. & TEIXEIRA, I. S. *Reflexões sobre o Medievo II: Práticas e saberes no Ocidente Medieval*. São Leopoldo: Oikos, 2012.
- THOMPSON, A. The Origins of Religious Mendicancy in Medieval Europe. In: PRUDLO, D. (Ed.). *The origin, development, and refinement of medieval religious mendicancies*. Boston: Brill, 2011.
- TUGWELL, S. *Saint Dominic*. Estrasburgo: Signe, 1995.
- VAUCHEZ, A. *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental: séc. VIII-XIII*. Lisboa: Ed. Estampa, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Saints, profetes et visionnaires, le pouvoir surnaturel au Moyen Âge*. Paris: Albin Michel, 1999, p. 56
- VICAIRE, M.-H. *Histoire de Saint Dominique*. Paris: Du Cerf, 2004.
- WOODWARD, K. Concepts of Identity and Difference. In: \_\_\_\_\_ (ed.) *Identity and Difference*. London: Routledge, 1997
- ZUTSHI, P. Letters of Pope Honorius III Concerning the Order of Preachers. In: ANDREWS F; EGGER, C; RUSSEAU, C. M. (Ed.) *Pope, Church and City: Essays in Honor of Brenda M. Bolton*. Leiden; Boston: Brill, 2004.